

ESCOLA DE GUERRA NAVAL

CC (FN) ROBERTO QUEIROZ PINTO

GUERRA DO AFEGANISTÃO:

o uso da informação e a comunicação dos EUA, de 2001 a 2006.

Rio de Janeiro

2020

CC (FN) ROBERTO QUEIROZ PINTO

GUERRA DO AFGANISTÃO:

o uso da informação e a comunicação dos EUA, de 2001 a 2006.

Dissertação apresentada à Escola de Guerra Naval, como requisito parcial para a conclusão do Curso de Estado-Maior para Oficiais Superiores.

Orientador: CF Thiago Montilla T. de Almeida.

Rio de Janeiro

Escola de Guerra Naval

2020

AGRADECIMENTOS

A Deus, pelas bênçãos concedidas a minha família.

À minha amada esposa Carolina, pelo imensurável apoio que me permitiu realizar este trabalho.

À minha amada filha Sofia, pela paciência nos momentos de isolamento e pela motivação que o seu amor me proporcionou.

Aos CMG FN (RM1) Montenegro, CF (RM1) Nagashima, CF Montilla e CC Barabani, pelas importantes orientações e pela disponibilidade.

RESUMO

Na Era da informação, comunicar-se de forma eficaz com o intuito de influenciar públicos-alvo e alcançar os objetivos nacionais é primordial. A facilidade de acesso e compartilhamento das informações, proporcionada pelos rápidos avanços das Tecnologias da Informação e da Comunicação, provoca significantes alterações na estrutura da sociedade e na natureza dos conflitos armados. Em face desse contexto, este trabalho se propõe a responder se na Guerra do Afeganistão, de 2001 a 2006, as Operações Psicológicas estadunidenses foram empregadas, nos níveis operacionais e táticos, segundo a Comunicação Estratégica do nível político dos Estados Unidos da América. Para tanto, foi estabelecido como desenho de pesquisa a comparação da teoria com a realidade, bem como foi realizada uma pesquisa documental e bibliográfica, com o intuito de contextualizar o conflito e, com ênfase na Comunicação Estratégica e nas Operações Psicológicas empregadas na dimensão informacional do ambiente operacional, analisar o uso da informação e da comunicação por autoridades civis e pelas tropas estadunidenses em solo afegão. Utilizam-se, como fundamentação teórica, as teorias do Poder da Comunicação na Sociedade em Rede e da Guerra na Era da Informação, de Manuel Castells e Alessandro Visacro, respectivamente; assim como, conceitos da doutrina norte-americana relacionados ao tema Operações de Informação. Após a confrontação dos fatos e argumentos, pesquisados e transcritos neste estudo, conclui-se de forma positiva ao questionamento proposto.

Palavras-chave: Era da Informação. Tecnologias da informação e Comunicação. Guerra do Afeganistão. Operações de Informação. Comunicação Estratégica. Operações Psicológicas.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ANA -	<i>Afghan National Army</i> - Exército Nacional Afegão
CENTCOM -	<i>United States Central Command</i> – Comando Central dos Estados Unidos da América
Com Estrt -	Comunicação Estratégica
CRI -	Capacidades Relacionadas à Informação
DoD -	<i>Department of Defense</i> - Departamento de Defesa dos EUA
EUA -	<i>Estados Unidos da América</i>
JCS -	<i>Joint Chiefs of Staff</i> - Comando Conjunto das Forças Armadas dos EUA
JFC -	<i>Joint Force Command</i> - Comando de Força Conjunta
OEF -	<i>Operation Enduring Freedom</i> - Operação Liberdade Duradoura
ONU -	Organização das Nações Unidas
IO -	<i>Information Operations</i> - Operações de Informação
ISAF -	International Security and Assistance Force
Op Info -	Operações de Informação
Op Psico -	Operações Psicológicas
OTAN -	Organização do Tratado do Atlântico Norte
PA -	Público-Alvo
PSYOP -	<i>Psychological Operations</i> - Operações Psicológicas
SC -	<i>Strategic Communication</i> - Comunicação Estratégica
SOF -	<i>Special Operations Forces</i> - Forças de Operações Especiais
TIC -	Tecnologias da Informação e Comunicação
USG -	<i>United States Government</i> - Governo dos Estados Unidos da América

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 -	As dimensões do ambiente dos conflitos do século XXI.....	58
Figura 2 -	O Ambiente da Informação	59
Figura 3 -	O Público-Alvo	60
Figura 4 -	Posição geográfica do Afeganistão	61
Figura 5 -	Efetivo de tropas dos EUA no Afeganistão a partir de 2001.....	62
Figura 6 -	Cartaz “Ataques terroristas de 11 de setembro de 2001 aos EUA”.....	63
Figura 7 -	Panfleto “O Talibã é o alvo”	64
Figura 8 -	Lançamento de panfletos por aeronaves.....	65
Figura 9 -	Transmissão de mensagens de radiodifusão por aeronaves EC- 130.....	66
Figura 10 -	Panfleto “Coalizão das Nações está aqui para ajudar” (frente e verso).....	67
Figura 11 -	Folheto “A amizade EUA e Afeganistão”.....	68

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	7
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	11
2.1 A sociedade em rede e o poder da comunicação	12
2.2 Os conflitos armados na era da informação.....	14
2.2.1 As dimensões da guerra na era da informação	15
2.3 A evolução da doutrina de Operações de Informação	18
2.4 Conceitos básicos de Operações de Informação.....	21
2.4.1 O Ambiente da Informação (AI).....	21
2.4.2 Capacidades Relacionadas à Informação (CRI)	23
2.4.3 Comunicação Estratégica (Com Estrt)	24
2.4.4 Operações Psicológicas (Op Psico)	25
3. A GUERRA DO AFGANISTÃO: DO CONTRATERRORISMO À CONTRA-INSURGÊNCIA	27
3.1 Contextualizando o conflito.....	28
3.2 Tropas estadunidenses no Afeganistão	30
4. CAPACIDADES RELACIONADAS À INFORMAÇÃO: ANÁLISE DO USO DA INFORMAÇÃO E A COMUNICAÇÃO DOS EUA, DE 2001 A 2006.....	36
4.1 A Comunicação Estratégica (Com Estrt) dos EUA, de 2001 a 2006.....	38
4.2 As Operações Psicológicas norte-americanas no Afeganistão	40
4.2.1 Operações psicológicas: uma análise quanto à eficácia	42
5. CONCLUSÃO	49
REFERÊNCIAS	52
GLOSSÁRIO.....	55
ANEXOS	59

1. INTRODUÇÃO

A Era da Informação, também denominada de Era Digital, do Conhecimento ou Pós-Industrial, é o período histórico da humanidade, iniciado após a II Guerra Mundial (1939-1945), associado à emergência de um novo paradigma tecnológico e social. Caracterizada pela revolução tecnológica, oriunda do advento e contínuo aperfeiçoamento de tecnologias digitais, da informação e da comunicação, ela é particularidade fundamental para o bom entendimento do atual sistema internacional, pois apresenta relevantes modificações sociais, culturais, geopolíticas e comportamentais.

Na atual sociedade da informação¹, caracterizada por uma estrutura social em rede interdependente, o ambiente operacional² dos conflitos armados é cada vez mais descontínuo, assimétrico e multidimensional. Nele, grupos insurgentes ampliam o conjunto de ameaças a serem enfrentadas pelas Forças de Defesa e Segurança dos Estados. As redes de comunicação³ reduziram o número de populações isoladas e as Tecnologias da Informação e Comunicações (TIC) facilitam a comunicação global, entre instituições, movimentos sociais, organizações extremistas e indivíduos.

Além do mais, percebemos que a maioria das atuais operações militares são desenvolvidas em áreas povoadas, ou no seu entorno, onde a identificação do oponente é dificultada e a preocupação com danos colaterais uma constante. Nesse contexto, há bastante tempo, as Forças Armadas de vários países estão sendo estimuladas a se envolverem mais em assuntos que fogem da tradicional “dimensão física”⁴ dos combates, porém, muito importantes na condução das campanhas, principalmente a partir da segunda metade do século passado. Os Estados modernos, detentores do poder de monopólio do uso da força e outrora

¹ Ver glossário.

² Idem.

³ Idem.

⁴ Entendemos neste trabalho que a dimensão física corresponde, no ambiente operacional, ao estudo do terreno, e ao emprego das tropas e seus equipamentos.

protagonistas quase que exclusivos nas relações internacionais, há bastante tempo percebe-se a fragmentação de seu poder com novos atores. Verificam também, diuturnamente, a credibilidade e a legitimidade de suas ações sendo contestadas por atores progressivamente investidos de poder. Estamos falando da mídia e da opinião pública, nacional e internacional. Hodiernamente, eles estão menos propensos a aceitar o emprego da força militar e assumem o papel de destaque no gerenciamento de crises e na solução de conflitos.

Dessa forma, a obtenção e gestão da informação tornam-se tarefa básica dos governos, para sua utilização nas esferas políticas, econômicas, psicossociais e, principalmente, para segurança e defesa dos Estados; uma questão extremamente relevante para sua própria existência e soberania.

Comunicarmos de forma a informar e influenciar pessoas ou grupos hostis, neutros ou favoráveis, capazes de impactar positivamente ou negativamente o alcance dos objetivos políticos e militares, bem como, para comprometer o processo decisório dos oponentes ou potenciais adversários, enquanto garante a integridade dos próprios processos, deve ser uma preocupação constante de autoridades civis e militares.

Partindo desse pressuposto, o presente trabalho tem o propósito de responder a seguinte questão: Na Guerra do Afeganistão, de 2001 a 2006, as Op Psico estadunidenses foram empregadas nos níveis operacional e tático⁵, de acordo com a Com Estrt do nível político⁶ dos Estados Unidos da América (EUA)? Para tanto, analisaremos o uso da informação e a comunicação dos EUA, no período delimitado. Utilizaremos como metodologia, o estudo de caso comparativo, também será aplicada a pesquisa documental, bibliográfica e analítica.

Justificamos a escolha pelo referido conflito pelas suas impactantes causas e suas consequências a nível mundial, mais especificamente, as ações adotadas pelos EUA na luta contra o terrorismo, e de que maneira governo e forças militares norte-americanas fizeram uso

⁵ Ver glossário.

⁶ Idem.

da informação e da comunicação para alcançar seus objetivos. Diante disso, consideramos que o estudo apresentado é bastante relevante por tratar-se de um tema que ainda motiva intensos debates nos meios acadêmicos, civis e militares, e para que possamos entender como se deu o uso da informação, pela maior potência econômica e militar mundial no início desse século, possibilitando extrair reflexões e ensinamentos que possam ser empregados em futuros conflitos.

Para atingir o propósito, o trabalho se desenvolve em cinco capítulos. Após esta introdução, no segundo capítulo apresentaremos a teoria do Poder da Comunicação na Sociedade em Rede e da Guerra na Era da Informação, de Manuel Castells (1942 -) e Alessandro Visacro (1970 -), respectivamente. Ademais, contextualizaremos de forma sucinta a evolução doutrinária de Op Info e abordaremos seus principais conceitos constantes na doutrina norte-americana. O objetivo específico desse capítulo é apresentarmos a fundamentação teórica que nos possibilite realizarmos as análises das ações civis e militares durante os seis primeiros anos da guerra.

No terceiro capítulo, contextualizaremos o conflito de forma a apresentarmos antecedentes e causas, bem como as ações empregadas pelo governo dos EUA e pelas tropas norte-americanas, no período de 2001 a 2006. Objetivamos especificamente demonstrar mudança da estratégia adotada e as implicações nas dimensões física, humana e informacional do conflito.

No quarto capítulo, analisaremos a guerra com ênfase nas Com Estrt e Op Psico, com o objetivo específico de verificar, com base no arcabouço teórico apresentado, se as ações de civis e militares dos EUA foram eficazes no processo de influenciar os públicos-alvo.

Por fim, no quinto capítulo, utilizando os conhecimentos obtidos ao longo do estudo, apresentaremos as considerações finais e responderemos à questão proposta nesta introdução.

Ao final do trabalho, apresentaremos no glossário e nos anexos, conceitos e figuras com o intuito de auxiliar o leitor no entendimento do raciocínio aplicado. Ressaltamos também que todas as traduções constantes no trabalho são de autoria do autor.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Este capítulo tem o propósito de apresentar elementos conceituais e doutrinários, de modo a formar uma ampla base teórica que nos possibilite realizar a análise dos fatos e argumentações que serão apresentados nos próximos capítulos.

Inicialmente, consideramos importante identificarmos e entendermos em que tipo de sociedade estamos inseridos. Para tanto, realizaremos uma sucinta abordagem estrutural sobre a teoria do poder da comunicação na sociedade em rede, do professor de sociologia e comunicação Manuel Castells. O escritor espanhol é autor da trilogia “A Era da informação: Economia, sociedade e cultura”, em que em seu Volume I “A Sociedade em Rede (1997)”, ele delinea um cenário mediado pelas novas TIC, e como estas interferem nas estruturas sociais, locais e globais.

Em sua obra “O Poder da Comunicação” (2009), ele analisa como os relacionamentos de poder na era da informação foram profundamente modificados pelo novo ambiente das redes de comunicação e, em particular, pelo que ele chama de autocomunicação de massa⁷. Suas pesquisas abrangem os mais diversos campos, sendo consideradas referências obrigatórias na discussão das transformações sociais do final do século XX. Não intencionamos nos aprofundar em suas teorias neste trabalho, mas sim, apresentar uma visão mais ampla, que servirá de “pano de fundo” do objeto em estudo.

Em seguida, conduziremos nossa abordagem para o campo dos conflitos armados, e falaremos acerca de como estes são conduzidos na era pós-industrial, de acordo como pensamento de Alessandro Visacro, Coronel da reserva do Exército brasileiro. Em sua obra “A Guerra na Era da Informação” (2018), ele afirma que a guerra, além de ser um fenômeno

⁷ “É uma nova esfera de comunicação e, em última instância, um novo meio, cuja espinha dorsal é feita de redes de computadores, cuja linguagem é digital e cujos emissores estão globalmente distribuídos e são globalmente interativos.” (CASTELLS, 2015, p.118).

político, é, antes de tudo um fenômeno social, e relata a importância do controle da Informação e da comunicação nas disputas da era do conhecimento. Na obra, o teórico militar ressalta a importância da real compreensão de como as rápidas e profundas alterações, causadas pela transição da era industrial⁸ para a era da informação, afetam a natureza dos conflitos armados e contribuem para a redefinição do atual ambiente estratégico.

Por fim, apresentaremos um sucinto contexto histórico do surgimento do termo Operações de Informação, sua evolução doutrinária e seus principais conceitos. Utilizaremos como referências documentos e publicações doutrinárias das Forças Armadas dos EUA, essenciais para o bom desenvolvimento e conclusão deste trabalho.

2.1 A sociedade em rede e o poder da comunicação

A informação sempre foi um ativo de extrema importância para a tomada de decisões, seja para civis, como para militares. Entretanto, no contexto da sociedade contemporânea, em que qualquer conteúdo pode ser compartilhado em um intervalo de tempo cada vez menor, e com uma abrangência frequentemente imensurável, sua relevância tornou-se ainda maior. A transmissão de uma notícia, ou o compartilhamento de qualquer fato, pode levar apenas poucos segundos e alcançar diversas regiões do mundo. Devido ao surgimento da internet, ainda na década de 1970, e o intenso desenvolvimento das mídias digitais do começo do século XXI, vivemos interconectados, em uma Sociedade em Rede.

Segundo Castells (1999), a sociedade em rede é uma nova e poderosa estrutura social baseada em redes de comunicação, que geram, processam e distribuem informações. É a

⁸ Neste trabalho entendemos que Era Industrial é o período que teve início no século XVIII, caracterizado pela mecanização da produção e consequente reformulação da concepção de trabalho, já que grande parte do trabalho exercido pelos operários foi substituída por máquinas.

comunidade de indivíduos em rede, onde o individualismo emerge como cultura dominante. Nela, as pessoas recebem a informação e formulam os próprios pontos de vista por meio do processamento de dados oriundos da coletividade. Ela é constituída, simultaneamente, por um sistema oligopolista de negócios multimídia e pela explosão de redes horizontais de comunicação, as redes sociais, a nível local e global. A comunicação em rede transcende fronteiras é baseada em redes globais.

Dessa forma, depreendemos que a informação pode ser acessada a qualquer momento, em qualquer lugar. Limites e distâncias passam a obter outros significados, fronteiras são ultrapassadas e as pessoas estão constantemente interligadas. Basta estarmos conectados à rede. Entretanto, precisamos ser criteriosos e verificarmos se o acesso às redes é universal. É aceitável afirmar que indivíduos residentes em locais ermos do Oriente Médio, ou da Ásia Central, não possuem livre acesso à internet e às mídias sociais? Como exercer a capacidade de influenciar essas pessoas a agirem de acordo com os interesses de um determinado Estado? Quem possui mais capacidades para exercer poder sobre esses excluídos digitais, atores estatais ou não estatais?

De acordo com Castells (2015, p. 57), “o poder é exercido por meio da coerção, ou a possibilidade de coerção, e/ou pela construção de significado com base em discursos por meio dos quais os atores sociais⁹ orientam suas ações”. As redes de comunicação são fontes decisivas de construção do poder, influenciando a mente humana mediante as redes de autocomunicação de massa.

Projetos alternativos propostos por atores sociais, como por exemplo, grupos insurgentes e terroristas, que têm como objetivo reprogramar a sociedade de acordo com seus valores, precisam também passar pelas redes de comunicação para transformar as mentes das pessoas a fim de desafiar os poderes constituídos (CASTELLS, 2015).

⁹ Atores individuais, atores coletivos, organizações, instituições e redes (CASTELLS, 2015, p. 57).

Portanto, conforme Castells (2015), na Era da Informação, o poder na sociedade em rede é o poder da comunicação. Em seguida, analisaremos como essas transformações sociais podem modificar a natureza dos conflitos armados.

2.2 Os conflitos armados na era da informação

Antes de continuarmos com a argumentação teórica, precisamos fazer algumas pertinentes indagações: atualmente, o uso da força militar, baseado em princípios e parâmetros da Era Industrial, pode ser considerado inócuo e anacrônico? O emprego das Forças Armadas tem atendido às demandas de defesa no contexto de uma nova era, repleta de novos desafios e novas ameaças? Nesse novo período, a aplicação do poderio bélico de um Estado deve ter como fim a destruição total do oponente, ou a conquista de uma paz duradoura? O que define a vitória nos conflitos atuais?

De acordo com Visacro (2018, p. [31]), “no momento em que a humanidade deixa a Era Industrial para ingressar na Era da Informação, passando por rápidas e profundas alterações, devemos procurar entender como essas mudanças alteram a natureza dos conflitos armados”.

Corroborando com essa assertiva, ele destaca:

A revolução da informação tornou antiquada e ineficaz a compreensão da guerra segundo a dinâmica das sociedades industriais. O **fortalecimento da opinião pública**, a **onipresença dos órgãos de imprensa**, a **redução do controle estatal sobre as agências de notícia**, o **acesso irrestrito aos meios de comunicação de massa**, a **disseminação da informação digital em escala planetária**, a **globalização da informação** e o **alcance ilimitado das mídias sociais** levaram a um achatamento dos níveis decisórios [...] Considerações políticas, estratégicas e táticas permeiam toda a cadeia de comando até os menores escalões, tornando-se componentes intrínsecos e indissociáveis no campo de batalha do século XXI [...] a usual segregação de meios militares e não militares quanto a obsessão pela “vitória a qualquer

custo” deixaram de ser uma opção razoável (VISACRO, 2018, p. [103], grifo nosso).

De fato, vivemos um momento histórico desafiador, em que os avanços tecnológicos provocaram mudanças de hábitos, individuais e coletivos, em curtos espaços de tempo. Porém, precisamos ser cuidadosos para não limitarmos a adequação às exigências do nosso século a simples obtenção e utilização de moderna tecnologia. Isso não basta para definirmos a natureza dos conflitos da era do conhecimento. Inovações científicas sempre fizeram parte das disputas ao longo da história da humanidade. Precisamos observar a conjuntura de fatores psicossociais, políticos, econômicos, geopolíticos e científico-tecnológicos para então chegarmos a definição da natureza de um conflito armado (VISACRO, 2018).

Dessa forma, precisamos refletir e aceitar a possibilidade de descartar paradigmas obsoletos para interpretarmos nosso próprio tempo. É precípuo realizarmos uma criteriosa análise do ambiente do conflito, para identificarmos suas dimensões e determinarmos que tipo de força estará apta a combater e lograr êxito nas guerras na Era da Informação.

2.2.1 As dimensões da guerra na era da informação

Na Era Industrial, a aceitação irrestrita e ilimitada à teoria da guerra de Carl Von Clausewitz¹⁰ (1790-1831), fez com que vultosas campanhas militares produzissem longas e sangrentas guerras de atrito¹¹. O choque de forças aéreas, terrestres e marítimas, sempre na dimensão física, definiria os vitoriosos no campo de batalha (VISACRO, 2018).

¹⁰ Para Clausewitz, ‘a guerra nada mais é do que um duelo em larga escala [...] um ato de violência destinado a obrigar nosso oponente a cumprir nossa vontade’, dirigido por motivos políticos e morais. Disponível em: <<https://www.e-ir.info/2009/11/26/clausewitz-war-peace-and-politics/>>. Acesso em 24 Jun. 2020.

¹¹ Ver glossário.

Nesse período Visacro (2018) afirma que, o poder hegemônico do Estado o propiciava exercer forte influência sobre as massas. Por meio de impactantes campanhas de propaganda estatal, precedentes aos conflitos, era possível mobilizar a opinião pública interna e assegurar o engajamento popular no esforço de guerra. Entretanto, com os contínuos e progressivos avanços das TIC, essa realidade não perdurou.

De fato, as inovações científicas da comunicação e de acesso à informação foram fundamentais nessa transformação. O advento da *internet*, bem com o desenvolvimento e a popularização de aparelhos eletrodomésticos, como a tv, por exemplo, proporcionaram que cenas de guerras do século passado, como as do Vietnã do Norte (1960-1975) e da Guerra do Golfo (1990-1991), fossem transmitidas e assistidas, por vezes, ao vivo. Nos mencionados conflitos, a mídia desempenhou um papel fundamental na moldura da percepção da opinião pública, transformando-a em ator decisivo para o desfecho das duas.

Na sequência das décadas essa orientação foi acentuada. Ou seja, a relação entre as mídias e a população foi intensificada. Segundo Visacro (2018), o amplo acesso à informação digital, além do ineficaz ou ausente controle dos Estados sobre os meios de comunicação de massa, são fatores que determinam a inaptidão dos governos em acomodar a opinião pública aos seus interesses. Ademais, o alcance e o impacto imensuráveis dos conteúdos produzidos e compartilhados nas mídias sociais, representam uma fonte paralela e autônoma de poder informacional.

Da mesma forma, todas essas inovações e transformações nas formas de como nos comunicamos refletem sobremaneira na forma como as frações militares atuam no ambiente dos conflitos. Consoante Smith¹² (2008, *apud* VISACRO, 2018, p. [173]), nos embates pós-industriais as forças conflitantes lutam entre o povo, e a conquista da sua vontade representa o real objetivo estratégico das operações militares:

¹² SIMTH, Rupert. A utilidade da força: a arte da guerra no mundo moderno, Lisboa, Edições 70, 2008, p. 324.

Conquistar a vontade do povo é um conceito muito claro e elementar, mas é incompreendido ou ignorado pelas instituições políticas e militares de todo o mundo. Os políticos continuam a aplicar a força bélica para chegarem a uma condição, no pressuposto de que os militares a criarão e a manterão. E embora os militares compreendam, desde há muitos anos, **a necessidade de conquistar “corações e mentes” das populações locais**, esta atividade é vista como de apoio à derrota de insurretos¹³ e não do ponto de vista do objetivo global e, muitas vezes, recebe recursos insuficientes e restringe-se a medidas de baixo nível para melhorar localmente as condições e sorte do povo (SMITH, 2008, *apud* VISACRO, 2018, p. [173], grifo nosso).

Nas disputas contra atores armados não estatais, a atuação das forças militares deve ser a base que garanta a credibilidade e a legitimidade de uma campanha contundente de comunicação estratégica. Obter o controle da narrativa é fundamental às informações governamentais. Porém, priorizar ações cinéticas¹⁴ em detrimento de ações não cinéticas¹⁵, pode ser o caminho para a derrota. Ademais, obter o apoio da população local, o suporte da opinião pública doméstica, bem como a aprovação da comunidade internacional são condições fundamentais para alcançar o sucesso (VISACRO, 2018).

Outrossim, corroborando com o pensamento de Rupert Smith (1943), o General Álvaro de Souza Pinheiro¹⁶ (2007, *apud* VISACRO, 2018, p. [209]) afirma:

Aprender a lidar com as **complexidades humanas e culturais**, características dos **conflitos irregulares atuais**, transformou-se num aspecto fundamental [...]. O conhecimento cultural tornou-se impositivo porque é, atualmente, um poderoso multiplicador de forças. Significa muito mais do que o mero conhecimento de línguas. Consubstancia-se no conhecimento **histórico, costumes sociais e religiosos, valores e tradições**. Não raro, esse conhecimento se torna mais importante que o conhecimento fisiográfico do terreno. **A empatia transformou-se numa poderosa arma**. Soldados são na atualidade, impositivamente adestrados na **obtenção do apoio da população** o que, conseqüentemente, resultará na obtenção de inteligência humana, imprescindível para a campanha [...]. O **conhecimento cultural** e a **habilidade para construir laços de confiança** proporcionarão uma proteção

¹³ Insurgentes.

¹⁴ Ver glossário.

¹⁵ Idem.

¹⁶ PINHEIRO, Álvaro de Souza. *Õ conflito de 4ª geração e a evolução da guerra irregular*, em *Padaceme*, n. 16, 2007, disponível em <<https://tinyurl.com/yxbw7xhd>> , acesso em 22 Abr. 2020.

da força mais efetiva do que qualquer colete blindado (PINHEIRO, 2007, *apud* VISACRO, 2018, p. [209], grifo nosso).

Portanto, segundo Visacro (2018), é fundamental percebermos que, na Era do Conhecimento, o ambiente operacional engloba também uma dimensão humana¹⁷ e outra informacional¹⁸, e não se restringe apenas à sua dimensão física (FIG.1, ANEXO A). Ele ainda enfatiza que as disputas travadas no âmbito das dimensões informacionais e humanas têm se sobreposto em importância ao tradicional enfrentamento no domínio físico.

É a partir dessas argumentações que apresentaremos em seguida um sumário contexto da evolução doutrinária das Op Info e seus conceitos básicos.

2.3 A evolução da doutrina de Operações de Informação

Nesta seção, nosso objetivo é descrever de forma sucinta as principais circunstâncias e fatos determinantes que proporcionaram a evolução do tema.

Segundo Armistead (2004), a evolução das Op Info, como uma importante doutrina militar nos EUA, é um fenômeno com origens na última década da Guerra Fria (1947-1989). A ex-União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) dependia fortemente da guerra eletrônica¹⁹ e, entre analistas e planejadores militares do Pentágono²⁰ havia um sentimento de que os EUA também deveriam combater essa ameaça.

Ainda de acordo com Armistead (2004), ao final do século passado, as maiores mudanças na doutrina norte-americana foram provocadas pelas enormes mudanças

¹⁷ Ver glossário.

¹⁸ *Idem*.

¹⁹ *Idem*.

²⁰ Sede do Departamento de Defesa dos EUA.

tecnológicas: avanços em computadores, software, telecomunicações e redes, que revolucionaram a maneira como os Estados Unidos conduziam as operações militares.

Na publicação *Joint Vision 2010*²¹, de 1996, a visão de futuro apresentada pelo DoD, a ser implementada até 2010, era a de que as tropas norte-americanas deveriam alcançar a superioridade da informação²² no ambiente operacional, seja qual fosse a natureza do conflito.

Em 1997, William Sebastian Cohen (28 de agosto de 1940), 20º Secretário de Defesa dos EUA (1997 a 2001), destacava, no *Quadrennial Defense Review Report (QDRR)*²³, que as Forças Armadas deveriam estar prontas para um mundo de eventos repentinos, onde a revolução da informação estaria criando uma revolução nos assuntos militares, que mudariam fundamentalmente a maneira como as forças dos EUA lutavam.

No mesmo relatório, o General John M. Shalikashvili (1936-2011), Chefe do Estado-Maior Conjunto das Forças Armadas dos EUA (1993 a 1997), destaca:

Nosso desafio é equilibrar o risco entre os requisitos de curto prazo e a necessidade de se preparar para o longo prazo. **Devemos dominar o futuro campo de batalha, onde a tecnologia mudará a face da guerra, como a dominamos hoje.** Devemos começar agora a nos preparar para um futuro potencialmente mais perigoso, que promete riscos e desafios contínuos, incluindo **ameaças assimétricas**, como **terrorismo**, armas químicas e biológicas e **guerra de informação** (EUA, 1997, seção x, tradução nossa, grifo nosso)²⁴.

Em 1998 a *Joint Publication 3-13 – Information Operations*, evidenciou a inserção das Op Info no cenário estratégico e político. Assim, elas receberam a seguinte definição: “As Op Info envolvem as ações tomadas para afetar informações e sistemas de informações

²¹ “Visão conjunta 2010” (tradução nossa).

²² Capacidade de coletar, processar e disseminar um fluxo ininterrupto de informações enquanto explora ou nega a capacidade de um adversário de fazer o mesmo (JOINT VISION, 2010).

²³ “Relatório de Revisão Quadrienal de Defesa” (tradução nossa).

²⁴ No original em inglês: “Our challenge is to balance risk between near-term requirements and the need to prepare for the longer term. We must dominate the future battlefield, where technology will change the face of warfare, as we dominate it today. We must start now to prepare for a potentially more dangerous future which promises continuing risks and challenges, including asymmetric threats such as terrorism, chemical and biological weapons, and information warfare”.

adversários, ao mesmo tempo em que se protege a nossa informação e o nosso próprio sistema de informações” (EUA, 1998).

Desta forma, corroborando com a evolução doutrinária e a linha de pensamento acima exposta e, principalmente, como consequência dos ataques terroristas de 11 de setembro de 2001, o Departamento de Defesa norte-americano foi obrigado a reavaliar novamente sua estratégia de defesa. No QDRR de 2001, a capacidade de conduzir Op Info tornou-se uma competência essencial do Departamento. Garantir sistemas de informação em face de ataques, e também conduzir operações eficazes de informações, consiste em procedimentos previstos como uma das seis metas operacionais críticas do Departamento de Defesa.

Concluimos que, ao final da década de 1990, entre as preocupações das autoridades de defesa norte-americana, ganhava destaque a de preparar as forças estadunidenses para os novos desafios do século XXI, onde os avanços tecnológicos, principalmente nas áreas da informação e da comunicação, seriam determinantes para a obtenção do sucesso nos conflitos armados.

Assim, obter a superioridade informacional no ambiente operacional seria um requisito primordial, pois a informação e a comunicação, são poderosas ferramentas para influenciar, interromper, corromper ou usurpar a capacidade de um adversário de tomar e compartilhar decisões, e, do mesmo modo, impedir as ações do oponente sobre a nossa tomada de decisão.

A seguir apresentamos os principais conceitos relacionados ao tema. De forma a não nos prolongarmos neste capítulo, iremos expor no glossário deste trabalho definições que circundam o tema e também são importantes para o bom entendimento do assunto.

2.4 Conceitos básicos de Operações de Informação

Nesse tópico, utilizaremos conceitos constantes na Joint Publication (JP) 3-13, *Information Operations* (2014), e na JP 3-13.2, *Psychological Operations* (2010). Assim, adotaremos a seguinte definição para Op Info:

O **emprego integrado**, durante operações militares, **de capacidades relacionadas a informação** em conjunto com outras linhas de operação para influenciar, interromper, corromper ou usurpar a tomada de decisões de adversários e possíveis adversários, ao mesmo tempo em que protege as nossas (EUA, 2014, pg.GL-3, tradução nossa, grifo nosso)²⁵.

Em seguida, com o intuito de alcançarmos melhor compreensão sobre a explicação apresentada, abordaremos os principais conceitos relacionados ao tema.

2.4.1 O Ambiente da Informação²⁶ (AI)

Apesar de não ser mencionado na elucidação do termo Op Info, consideramos que o primeiro passo para compreendermos melhor o assunto é definirmos o ambiente da informação, ou ambiente informacional, de acordo com a doutrina norte-americana.

O AI é o agregado de indivíduos, organizações e sistemas que coletam, processam, disseminam ou agem sobre informações. Esse ambiente consiste em três dimensões: física²⁷,

²⁵ No original em inglês: “The integrated employment, during military operations, of information-related capabilities in concert with other lines of operation to influence, disrupt, corrupt, or usurp the decision-making of adversaries and potential adversaries while protecting our own”.

²⁶ No original em inglês: “*Information Environment*”.

²⁷ Ver glossário.

informativa²⁸ e cognitiva²⁹, inter-relacionadas que interagem continuamente com indivíduos, organizações e sistemas (EUA, 2014) (FIG. 2, ANEXO B).

Caracterizado pela mídia onipresente e pela hiperconectividade interpessoal, o ambiente da informação de hoje permite a colaboração e o compartilhamento de informações em uma escala sem precedentes. É um ambiente global heterogêneo em que humanos e sistemas automatizados observam, orientam, decidem e agem sobre dados, informações e conhecimento. Com sua função como canal de influência na tomada de decisões, comando e controle, o AI é um componente essencial do ambiente operacional (EUA, 2016).

Nos ambientes de informação complexos e em rápida evolução de hoje, a necessidade de integrar todos os instrumentos do poder nacional³⁰ assumiu maior relevância para sustentar o sucesso operacional. No ambiente operacional, a influência efetiva é obtida pela consistência entre o que dizemos e fazemos e, conseqüentemente, o quanto entendemos e respondemos ao nosso público (EUA, 2010).

Entretanto, ressaltamos que o termo “ambiente da informação”, acima definido, e a expressão “dimensão informacional”, mencionada por Visacro (2018), são apenas denominações distintas, porém, possuem o mesmo significado.

Após este fundamental esclarecimento, percebemos que dentro da dimensão da Informação, ou ambiente da informação, há ainda uma subdivisão em três dimensões, que serão definidas no glossário deste trabalho.

A seguir definiremos a expressão Capacidades Relacionadas à Informação.

²⁸ Idem.

²⁹ Idem.

³⁰ Instrumentos do Poder Nacional: Diplomático, Informacional, Militar e Econômico (DIME).

2.4.2 Capacidades Relacionadas à Informação (CRI)³¹

As CRI são ferramentas, técnicas ou atividades que utilizam dados, informações ou conhecimentos para criar efeitos e condições operacionalmente desejáveis nas dimensões física, informacional e cognitiva do ambiente de informações. Elas afetam a capacidade do Público-Alvo (PA) de coletar, processar ou disseminar informações antes e depois da tomada de decisões. O PA é um indivíduo ou grupo selecionado para influência (FIG. 3, ANEXO C) (EUA, 2014).

As Op Info empregam capacidades individuais disponíveis de forma integrada, como multiplicadoras de força para alcançar um determinado efeito desejado. Muitas são as capacidades militares que contribuem para as Op Info. Dentre as que devem ser levadas em consideração durante o processo de planejamento, são citadas as seguintes: *Strategic Communication, Joint Interagency Coordination Group, Public Affairs, Civil-Military Operations, Cyberspace Operations, Information Assurance, Space Operations, Military Information Support Operations (MISO), Intelligence, Military Deception, Operations Security, Special Technical Operations, Joint Electromagnetic Spectrum Operations e Key Leader Engagement* (EUA, 2014)³².

Seria inviável explorarmos todas estas capacidades no trabalho ora apresentado. Para o desenvolvimento dos próximos capítulos abordaremos apenas algumas empregadas no conflito estudado, com ênfase na Comunicação Estratégica e nas Op Psico, sendo esta segunda a mais amplamente utilizada pelas tropas norte-americanas no Afeganistão, no período de 2001 a 2006, nossa delimitação temporal.

Ressaltamos que, em junho de 2010, o Departamento de Defesa dos EUA substituiu

³¹ No original em inglês: “*Information Related-Capability*”.

³² “Comunicação Estratégica, Grupo Conjunto de Coordenação Interagências, Relações Públicas, Operações Civil-Militares, Operações do Ciberespaço, Garantia de Informação, Operações Espaciais, Operações de Suporte à Informação Militar (MISO), Inteligência, Dissimulação Militar, Segurança de Operações, Operações Técnicas Especiais, Operações Conjuntas do Espectro Eletromagnético e Engajamento de liderança chave” (tradução nossa).

oficialmente o termo: *Psychological Operations* (PSYOP) por *Military Information Support Operations* (MISO). No entanto, neste estudo continuaremos a utilizar a denominação anterior, pois ela era a amplamente empregada pela doutrina estadunidense durante a primeira década do atual século.

A seguir, definiremos Com Estrt e Op Psico.

2.4.3 Comunicação Estratégica (Com Estrt)

O processo de Com Estrt consiste em esforços concentrados do governo dos EUA para criar, fortalecer ou preservar condições favoráveis ao avanço de interesses, políticas e objetivos nacionais, compreendendo e engajando públicos-chave³³ através do uso de programas, planos e temas coordenados, mensagens e produtos sincronizados com as ações de todos os instrumentos do poder nacional. A Com Estrt é uma abordagem de todo o governo, orientada pela integração e processos interagências que estão focados efetivamente na estratégia nacional de comunicação. Os objetivos das Op Info dos Comandantes da Força Conjunta devem complementar os objetivos gerais, de acordo com a orientação estratégica. (EUA, 2014).

Dentro dos instrumentos militares e informativos do poder nacional, o Departamento de Defesa (DoD) é um componente essencial de uma estratégia mais ampla de comunicação do Governo dos Estados Unidos (USG). Para ser eficaz, todos os esforços de comunicação do DoD devem inerentemente apoiar a credibilidade, veracidade e legitimidade das atividades do USG. A Com Estrt integra vários instrumentos do poder nacional com outras atividades em todo o USG para sincronizar temas, mensagens, imagens e ações cruciais. As Op Psico são a principal capacidade que dão suporte à Com Estrt, influenciando o público

³³ Público interno, comunidade internacional e população local do conflito.

estrangeiro no apoio aos objetivos dos EUA (EUA, 2010).

2.4.4 Operações Psicológicas (Op Psico)

As Op Psico são operações planejadas para transmitir informações e indicadores selecionados ao público estrangeiro para influenciar emoções, motivos, raciocínio objetivo e, finalmente, o comportamento de governos, organizações, grupos e indivíduos estrangeiros (EUA, 2010).

O objetivo específico das Op Psico é influenciar as percepções do público estrangeiro e o comportamento subsequente como parte de programas aprovados em apoio à política do USG e aos objetivos militares. Os profissionais do Op Psico seguem um processo deliberado que alinha os objetivos do comandante com uma análise do ambiente; selecionar PA relevantes; desenvolver mensagens e ações focadas, cultural e ambientalmente ajustadas; empregar meios sofisticados de entrega de mídia e produzir respostas comportamentais observáveis e mensuráveis (EUA, 2010).

É um fato que há muita ambiguidade quanto aos termos Operações de Informação e Operações Psicológicas. Até mesmo dentro do meio militar eles eventualmente são confundidos. Douglas Friedly³⁴ (2010 *apud* MUNOZ, 2012), especialista do Pentágono em integração de informações com experiência em defesa, contraterrorismo, operações e políticas da informação, tentou resumir e contribuir para a solução do problema da seguinte forma:

Embora o termo “Op Info” seja frequentemente usado de uma maneira que implique que seja sinônimo de capacidades individuais como Op Psico, o termo só é aplicado adequadamente **quando as capacidades relacionadas à informação são coordenadas para alcançar um objetivo militar**. Op Psico é a disseminação de informações para influenciar o público estrangeiro a tomar medidas favoráveis às Op Info dos EUA. **Descreve o emprego**

³⁴ FRIEDLY, Douglas, senior analyst, Office of the Under Secretary of Defense for Policy, Information Operations Directorate, comments on an earlier draft of this Munoz monograph, 2010.

integrado de uma ampla gama de recursos para influenciar a tomada de decisões adversas. Embora possam ser usadas para informar, persuadir e influenciar audiências estrangeiras amigáveis, bem como adversários, **as Op Psico como parte de atividades militares sempre é integrada às Op Info** (FRIEDLY, 2010, *apud* MUNOZ, 2012, tradução nossa, grifo nosso)³⁵.

Como uma capacidade essencial das Op Info, as Op Psico desempenham um papel central na consecução dos objetivos de informação do Comandante da Força Conjunta por meio de sua capacidade de induzir ou reforçar atitudes e comportamentos adversos favoráveis a esses objetivos. As Op Psico podem ser particularmente úteis durante operações pré e pós-combate, quando outros meios de influência são contidos ou não autorizados. Dentro da célula Op Info, o representante de Op Psico integra, coordena, impede ou resolve conflitos e sincroniza o uso das Op Psico com outros recursos de Op Info (EUA, 2010).

No quarto capítulo, apresentaremos e analisaremos a maneira como o governo dos EUA e as tropas norte-americanas empregaram a Com Etrt e as Op Psico no Afeganistão, no período de 2001 a 2006. Antes disso, iremos contextualizar o conflito e abordaremos quais fatores condicionaram a sua evolução e a mudança na estratégia norte-americana.

³⁵ No original em inglês: “Although the term “IO” is often used in a way that implies that it is synonymous with individual capabilities such as PSYOP, the term is only appropriately applied when information-related capabilities are coordinated to achieve a military objective. PSYOP are the dissemination of information to influence foreign audiences to take action favorable to the U.S. IO describes the integrated employment of a wide range of capabilities to influence adversary decision-making. Although PSYOP can be used to inform, persuade, and influence friendly foreign audiences as well as adversaries, PSYOP as part of military activities are always integrated into IO”.

3. A GUERRA DO AFGANISTÃO: DO CONTRATERRORISMO À CONTRA-INSURGÊNCIA

"O ataque ocorreu em solo americano, mas foi um ataque ao coração e à alma do mundo civilizado. E o mundo se uniu para travar uma guerra nova e diferente, a primeira, e esperamos que a única, do Século 21. Uma guerra contra todos aqueles que buscam exportar o terror e uma guerra contra os governos que os apoiam ou protegem".

Presidente George W. Bush, 11/11/01

Após os ataques de 11 de setembro de 2001 aos EUA, narrativas sobre as causas e razões que motivaram as posteriores ações norte-americanas foram expostas. Segundo Biabanavard (2006, *apud* Asisian, 2007), após o colapso da URSS e o fim da Guerra Fria, a fim de manter o poder global, os EUA precisavam de um novo “inimigo imaginário”, desta vez no Oriente Médio e em outros países muçulmanos.

Além do mais, havia um interesse geoestratégico e econômico dos EUA no Afeganistão, devido a sua posição geográfica. O país islâmico, localizado na Ásia Central, está posicionado entre a China, Índia, Irã e Paquistão (FIG. 4, ANEXO D). Pelo território afegão cruzam oleodutos e gasodutos da Ásia Central e, portanto, qualquer país que o dominasse poderia ter acesso aos seus recursos naturais, e controlar as rotas econômicas e militares ao longo dos eixos norte-sul e, principalmente, o eixo leste-oeste, o que possibilitaria conter a influência da China, e Rússia sobre o Irã (BIABANAVARD 2006, *apud* ASISIAN, 2007).

Assim, para Biabanavard (2006, *apud* Asisian, 2007), os atentados aos EUA foram convenientes aos seus interesses, pois legitimavam a guerra contra o Afeganistão. Percebemos então que essa narrativa dos fatos se contrapõe à vinculada pela potência norte-americana. Precisamos contextualizar o conflito para melhor compreender suas origens e o desenrolar das ações empreendidas.

3.1 Contextualizando o conflito

Os trinta anos antecedentes aos atentados ocorridos em 11 de setembro de 2001 podem ser caracterizados como um período no qual ataques terroristas contra alvos militares norte-americanos eram frequentes. Nos três anos anteriores, a organização islâmica radical Al-Qaeda³⁶ e seu líder, Osama Bin Laden, usaram o Afeganistão como local para planejar e lançar dois ataques a alvos norte-americanos: em 1998, contra as embaixadas dos EUA na Tanzânia e no Quênia; e em 2000, quando homens-bomba provocaram severos danos ao *Destroyer* USS Cole³⁷, matando 17 marinheiros (WRIGHT *et al.*, 2010).

Ainda conforme Wright *et al.* (2010), o governo dos EUA não tinha, em 2001, um plano para montar uma ofensiva contra alvos terroristas no Afeganistão. Durante esse intervalo, a política norte-americana de contraterrorismo era uma mistura de iniciativas diplomáticas, legais, policiais, de inteligência e secretas. Não obstante, governos norte-americanos não haviam realizado operações militares de grande escala contra qualquer Estado que oferecesse abrigo a grupos terroristas.

No relatório de 2004, da *National Commission on Terrorist Attacks Upon the United States*³⁸, congressistas democratas e republicanos enfatizaram:

[...] o país não estava preparado [...] aprendemos sobre as falhas no nosso governo - entre inteligência estrangeira e doméstica, entre agências e dentro das agências. Aprendemos sobre os **problemas generalizados de gerenciar e compartilhar informações** em um governo grande e pesado que foi construído **em uma era diferente para enfrentar perigos diferentes** [...] cada agência de inteligência tem suas próprias práticas de segurança, consequências da Guerra Fria [...] **As agências sustentam uma cultura de proteção da informação, a “necessidade de conhecer”, em vez de**

³⁶ Organização muçulmana sunita radical dedicada à eliminação da presença ocidental nos países árabes e militante contra a política externa ocidental: fundada por Osama bin Laden em 1988. Disponível em: <<https://www.dictionary.com/browse/al-qaeda>>. Acesso em: 20 Jul. 2020.

³⁷ Contratorpedeiro da classe Arleigh Burke pertencente a Marinha de Guerra dos Estados Unidos. Disponível em: <<https://www.public.navy.mil/surflant/ddg67/Pages/default.aspx>> Acesso em: 14 Abr. 2020.

³⁸ “Comissão Nacional de Ataques Terroristas contra os Estados Unidos” (tradução nossa).

promover uma cultura de integração, a “necessidade de compartilhar” [...] Propomos que as informações sejam compartilhadas horizontalmente, **através de novas redes** que transcendem agências individuais (EUA, 2004, p. 417 e p. 418, tradução nossa, grifo nosso)³⁹

Desta forma, com base nessas afirmações, percebemos que, mesmo o país com o maior poder militar mundial no início do século XXI, detentor de sofisticados sistemas de comunicação e vigilância, apresentava vulnerabilidades na sua estratégia de segurança e defesa nacional. A burocracia de órgãos estatais, arraigados a uma cultura de produção e proteção do conhecimento, dominante na segunda metade do século passado, impedia ou dificultava o compartilhamento e integração das informações obtidas.

Apesar dos precedentes e alarmantes incidentes terroristas ocorridos além do seu território indicarem a possibilidade de um novo ataque, autoridades políticas e militares não perceberam a gravidade da proeminente ameaça. Elas foram incapazes de ajustar políticas, planos e práticas para detê-la ou derrotá-la, a fim de impedir que os EUA fossem desafiados e humilhados em seu próprio território.

Portanto, a sensação de segurança, e, por conseguinte a legitimidade e confiabilidade no poder estatal foram abaladas. Era preciso decidir e adotar ações rápidas para restabelecer a coesão da sociedade estadunidense. Nesse contexto, a seguir abordaremos a estratégia e a resposta dos EUA aos ataques.

A seguir, abordaremos a estratégia e a resposta dos EUA aos ataques.

³⁹ No original em inglês: “[...] the country was not prepared [...] we learned about the failures in our government - between foreign and domestic intelligence, between agencies and within agencies. We learned about the widespread problems of managing and sharing information in a large, heavy government that was built in a different era to face different dangers” [...] each intelligence agency has its own security practices, consequences of the Cold War [. . .] Agencies support a culture of information protection, the “need to know”, instead of promoting a culture of integration, the “need to share” [...] We propose that information be shared horizontally, through new networks that transcend individual agencies”.

3.2 Tropas estadunidenses no Afeganistão

Potências estrangeiras, dos britânicos no século XVIII até os norte-americanos, no início deste século, viram o Afeganistão como um território estratégico e tentaram estabelecer o controle do país. Há bastante tempo, a intervenção externa nos assuntos internos afegãos têm sido um incômodo para sua população (WRIGHT *et al.* 2010).

Assim, corroborando com essa assertiva intervencionista, em resposta aos ataques e 11 de setembro, o governo do Presidente George W. Bush declarou a contestada política externa nomeada de *Global War on Terrorism*⁴⁰ (GWOT). Foi ela que, sob todas as críticas internas e externas, fomentou a campanha bélica norte-americana no Afeganistão, no início da primeira década do atual século. Com certeza, o combate ao terrorismo se tornou a narrativa de Com Estrt dos EUA e sua principal prioridade de segurança nacional.

Apesar das críticas, houve apoio popular. Como afirma Cox (2005), o país apoiou o presidente, que procurava não apenas se vingar da Al-Qaeda, mas também destruir o regime Talibã⁴¹, que fornecia à organização terrorista sua base de apoio.

Portanto, com base na orientação política de guerra global ao terrorismo, e à revelia da ONU, as forças militares dos EUA começaram a chegar ao Afeganistão em outubro de 2001. Através de ataques aéreos a alvos do Talibã e da Al-Qaeda em solo afegão, e de um intenso emprego de *Special Operations Forces*⁴² (SOF), dava-se início à *Operation Enduring Freedom*⁴³(OEF); executada por uma força de coalizão formada por 39 (trinta e nove) Estados, sob comando do *United States Central Command* (CENTCOM)⁴⁴ (LAMB, 2005).

⁴⁰ “Guerra Global ao Terrorismo” (GOT) (tradução nossa).

⁴¹ Facção política e religiosa ultraconservadora que surgiu no Afeganistão em meados da década de 1990, após a retirada das tropas soviéticas, o colapso do regime comunista do Afeganistão e o subsequente colapso da ordem civil. Disponível em: <<https://www.britannica.com/topic/Taliban>>. Acesso em: 04 Jun. 2020.

⁴² “Forças de Operações Especiais” (tradução nossa).

⁴³ “Operação Liberdade Duradoura” (tradução nossa).

⁴⁴ “Comando Central dos Estados Unidos da América” (tradução nossa). Disponível em: <https://www.centcom.mil>.

Segundo Cox (2005), a campanha militar tinha como objetivo inicial a retirada do regime Talibã do poder, e a captura dos terroristas da Al-Qaeda, autodeclarados responsáveis pelos atentados em solo estadunidense. O propósito foi rapidamente cumprido. As Forças de Coalizão demoraram apenas 70 dias, a partir da data dos primeiros ataques, até que Hamid Karzai⁴⁵ fizesse o juramento de posse como presidente interino do Afeganistão.

As Forças Especiais dos EUA e da Coalizão, que obtiveram apoio de tribos afegãs opositoras ao regime vigente, conduziram a maior parte das operações. A coalizão e as aeronaves da Força Aérea e da Marinha dos EUA forneceriam o apoio que às forças da Aliança do Norte⁴⁶ para derrotar o Talibã (COX, 2005).

Segundo Richter (2009), inicialmente, os objetivos militares focavam a destruição de campos de treinamento e infraestrutura terroristas, como também, a captura de líderes da Al-Qaeda com o intuito de interromper as atividades terroristas no país. As primeiras operações utilizaram bombardeiros, caças com base em porta-aviões e mísseis de cruzeiro Tomahawk lançados a partir de navios e submarinos americanos e britânicos.

Com relação às ações preliminares de Op Info, a guerra eletrônica foi preponderante pois conseguiu interromper os meios de comunicação e de defesa antiaérea inimiga. Outra capacidade, as Op Psico, objetivaram, preliminarmente, persuadir à rendição os combatentes inimigos e, posteriormente, tentaram demonstrar aos afegãos que os ataques realizados pelas forças de intervenção não visavam a população afegã (RICHTER, 2009).

Ainda segundo Cox (2006, *apud* Richter, 2009), as Op Psico dos EUA objetivavam persuadir a comunidade internacional, de que a coalizão tentava reduzir ao máximo a perda de vidas e propriedades dos afegãos, em que pese a violência de seus ataques contra o Talibã e a

⁴⁵ Presidente da Administração Provisória do Afeganistão. Disponível em: <<https://tinyurl.com/y23fd8fo>>. Acesso em: 15 jun. 2020.

⁴⁶ Coalizão de milícias mujahideen que mantinham o controle de uma pequena porção do norte do Afeganistão. Disponível em: <<https://tinyurl.com/yxno33rx>>. Acesso em: 15 jun. 2020.

Al-Qaeda.

A partir de dezembro de 2001, os esforços seriam concentrados em estabelecer um governo afegão viável ao longo prazo e, devido a este novo objetivo, forças convencionais⁴⁷ dos EUA começaram a se mobilizar para o Afeganistão (COX, 2006).

De acordo com Wright *et al.*(2010), as Forças Armadas norte-americanas, em geral, não tinham um entendimento profundo do país, de sua população e de sua história recente, marcada pela guerra civil e pela chegada ao poder, em 1996, do grupo islâmico radical Talibã; a despeito de especialistas estadunidenses terem mantido constante vigilância sobre o Afeganistão nos anos após a saída das tropas soviéticas, em 1988.

Ainda sobre o elemento população, é importante ressaltarmos a natureza da fragmentada sociedade afegã, caracterizada por uma mescla de grupos étnicos subdivididos em tribos, como os historicamente antagônicos *pashtuns*⁴⁸. Os soldados americanos que chegaram ao oriente médio descobriram rapidamente que o país era extremamente complexo, e que para alcançar qualquer sucesso a longo prazo, teriam que lidar não apenas com uma região difícil por sua topografia montanhosa, mas também, com uma sociedade bastante diferente da norte-americana(WRIGHT *et al.* 2010).

Conforme Wright *et al.*(2010):

A campanha no Afeganistão foi única. Embora suas fases iniciais incluíssem o uso de pequenas equipes das Forças de Operações Especiais e Poder Aéreo, a campanha após 2002 evoluiu para um **esforço mais amplo, no qual as forças convencionais** eram responsáveis pela criação de **segurança, reconstrução e programas para treinar o Exército Afegão** (WRIGHT *et al.* 2010, p.iii), tradução nossa, grifo nosso)⁴⁹.

⁴⁷ Ver glossário.

⁴⁸ Grupo étnico, predominante no Afeganistão e Paquistão. Disponível em: <<https://tinyurl.com/y2uoorra>>. Acesso em 20 Jul. 2020.

⁴⁹ No original em inglês: “the campaign in Afghanistan was unique. While its initial phases featured the use of small teams of Special Operations Forces and air power, the campaign after 2002 evolved into a broader effort in which conventional forces were responsible for the creation of security, reconstruction, and programs to train the Afghan Army.

Segundo Dimitriu (2011), em 2002, após a queda do regime Talibã, e como consequência do Acordo de Bonn⁵⁰, a natureza do conflito mudou. Ficou acordado que em paralelo às operações antiterroristas da OEF, a *International Security and Assistance Force* (ISAF)⁵¹ teria como objetivos restaurar a segurança e a paz no Afeganistão através de uma *light foot print*⁵².

De acordo com Taddeo (2010), ao final de 2003, decorrente do ressurgimento e aumento dos ataques do Talibã às tropas dos EUA, uma mudança na estratégia norte-americana foi necessária. Operações de contra-insurgência⁵³ foram empregadas e objetivaram deteriorar ou impedir o apoio popular ao Talibã ou a Al-Qaeda. A nova estratégia qualificava o povo afegão como o centro de gravidade⁵⁴.

Em consequência da nova estratégia, que almejava sobretudo a concepção de novos vínculos com a população afegã, bem como auxiliar na reconstrução do Afeganistão e no recrudescimento da confiança no governo afegão, houve um acréscimo de tropas terrestres dos EUA, bem como de especialistas em cultura e tradição afegãs (TADDEO, 2010).

Ademais, a abordagem centrada na população também provocou mudanças na forma como as operações militares eram conduzidas. A quantidade de ataques aéreos diminuiu de forma expressiva. As baixas entre a população afegã, causadas por ataques aéreos foram um dos principais motivos para protestos locais contra as forças estrangeiras. Essa mudança de estratégia resultou em um ambiente operacional mais estável e aumentou o apoio local, tanto para o governo afegão quanto para as forças da coalizão. Foram trocados efeitos táticos por consequências estratégicas muito mais importantes (BARNO, 2007).

Entretanto, esse cenário de estabilidade não perdurou por muito tempo. O número

⁵⁰ Disponível em < <http://afghangovernment.com/AfghanAgreementBonn.htm>>. Acesso em 19 Jun. 2020.

⁵¹ Ver glossário.

⁵² “Pegada leve” (tradução nossa).

⁵³ Ver glossário.

⁵⁴ Idem.

de ataques suicidas aumentava a cada ano: 02 em 2003, 05 em 2004, 17 em 2005 e 123 em 2006⁵⁵. De acordo com Taddeo (2010), o desejo dos EUA de retirar tropas e transferir a responsabilidade das operações militares para a Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN)⁵⁶, juntamente com a impopularidade do governo, ocasionaram um vácuo de poder que foi rapidamente preenchido por grupos insurgentes. O objetivo do *Taliban* era eliminar o contato do governo com a população, desacreditando a capacidade do *Afghan National Army* (ANA)⁵⁷ de fornecer ordem e segurança. Ao forçar os Estados Unidos a se encarregarem da segurança local, o Talibã fortaleceu a narrativa de que as forças dos EUA eram uma força de ocupação que buscava controlar e manipular o governo afegão.

Portanto, aqui chamamos a atenção do leitor para o seguinte fato: apesar da mudança da estratégia de contra terrorismo para contra-insurgência, onde a dimensão humana focada na população afegã implicou em uma significativa redução das ações militares da dimensão física do conflito, principalmente as operações aéreas, percebemos que houve um significativo acréscimo de tropas norte-americanas em solo afegão (FIG. 5, ANEXO E). Desta forma, depreendemos que, apesar de Visacro afirmar que nos conflitos da Era da informação, as disputas nas dimensões humanas e informacionais se sobrepõem em importância aos embates da dimensão física da guerra, esta ainda desempenhava um papel de extrema importância na consecução dos objetivos da força estadunidense no teatro de operações.

Dessa forma, ao final deste capítulo, podemos depreender que no início do século XXI, além da luta contra o terrorismo, os EUA estavam envolvidos em uma batalha de narrativas, uma guerra de ideias entre o islã e o ocidente. Os recorrentes ataques da Al-Qaeda contra alvos norte-americanos, além de desafiarem o poder e a autoridade dos EUA,

⁵⁵ Fonte: United Nations Assistance Mission in Afghanistan (UNAMA), Suicide Attacks in Afghanistan 2001–2007, September 9, 2007. Disponível em: <https://www.refworld.org/docid/49997b00d.html>.

⁵⁶ Ver glossário.

⁵⁷ “Exército Nacional Afegão” (tradução nossa).

confirmavam o seu alcance global de destruição e, através das redes de comunicação de massa e da autocomunicação, demonstravam ao mundo a crueldade de seus atos. Como forma de comunicação, as estarrecedoras imagens de mortes e destruição dos atentados de 11 de setembro espalharam o medo e geraram insegurança, ao povo dos EUA e a comunidade internacional, os públicos-alvo dos terroristas da Al-Qaeda.

Sob a narrativa de combate ao terrorismo e com o respaldo da opinião pública norte-americana e internacional, ao final de 2001, tropas dos EUA invadiram o Afeganistão e, em aderência a teoria de Visacro, ações cinéticas da dimensão física dos conflitos foram realizadas em paralelo à ações não cinéticas da dimensão informacional. Como teorizado no capítulo dois, as Op Info integraram e coordenaram capacidades militares norte-americanas, como a guerra eletrônica e as Op Psico, com a finalidade de obter a superioridade da informação no campo de batalha afegão, através da destruição das comunicações inimigas e por meio de atividades que visavam influenciar e interromper o processo decisório inimigo e cooptar a população afegã.

Por fim, em aderência as afirmações de Smith e Pinheiro, citados por Visacro na fundamentação teórica, após a rápida vitória das forças estadunidenses na dimensão física da disputa contra o Talibã, os militares norte-americanos perceberam que era necessário mudar de estratégia: do contraterrorismo à contra-insurgência. Nesta nova abordagem, de maneira a se contrapor aos insurgentes talibãs e tentar criar uma paz duradoura, seria fundamental conhecer a cultura afegã e criar laços de confiança com aquela complexa população. Com o intuito de conquistar corações e mentes, ações nas dimensões cognitivas do ambiente informacional deveriam ser realizadas

No próximo capítulo, abordaremos a estratégia de Com Estrt do governo estadunidense, assim como, algumas ações de Op Psico desenvolvidas pelas tropas norte-americanas.

4. CAPACIDADES RELACIONADAS À INFORMAÇÃO: ANÁLISE DO USO DA INFORMAÇÃO E A COMUNICAÇÃO DOS EUA, DE 2001 A 2006

Além da dimensão humana, a dimensão informacional também preocupava as autoridades norte-americanas durante o conflito. Em 2006, o então Secretário de Defesa dos EUA Donald Rumsfeld, em um discurso no Conselho de Relações Exteriores, afirmou:

[...] nesta guerra, algumas das batalhas mais críticas podem não ser travadas nas montanhas do Afeganistão [...] mas nas redações de lugares como Nova York e Londres e Cairo [...] **Nossos inimigos se adaptaram habilmente às guerras na era da mídia de hoje** [...] os extremistas violentos estabeleceram comitês de relações com a mídia [...] Eles planejam e projetam seus ataques de destaque **usando todos os meios de comunicação** [...] Eles sabem que **as comunicações transcendem fronteiras e que uma única notícia tratada com habilidade pode ser tão prejudicial à nossa causa e útil à deles quanto qualquer outro método de ataque militar.** (RUMSFELD, 2006, tradução nossa, grifo nosso)⁵⁸

Ainda segundo Rumsfeld (2006), os EUA deveriam implantar rapidamente as melhores capacidades de comunicação militar em novos teatros de operação, através de campanhas de mídia multifacetadas - impressa, rádio, televisão e Internet. Além de estabelecer o mais rápido possível uma estrutura de comunicação estratégica, de forma a impedir que o inimigo não deturpe a real imagem dos fatos.

De acordo com Freedman (2006), em conflitos da era da informação, o sucesso na aplicação da força depende menos do resultado das operações táticas nos campos de batalha, mas mais de como o objetivo, o curso e a conduta da guerra são vistos pela opinião pública em casa e no teatro de operações⁵⁹

⁵⁸ No original em inglês: “[...] in this war, some of the most critical battles may not be fought in the mountains of Afghanistan [...] but in newsrooms in places like New York and London and Cairo [...] Our enemies have skillfully adapted to wars in today's media age [...] violent extremists have established media relations committees [...] They plan and design their prominent attacks using all media [...] They know that communications they transcend borders and that a single news dealt with skillfully can be as damaging to our cause and useful to theirs as any other method of military attack.

⁵⁹ Ver glossário.

Na década de 2010, a Com Estrt e as Op Info adquiriram maior importância na Política Nacional norte-americana, ao receber destaque nas Estratégias Nacional de Defesa e de Segurança Nacional (RICHTER, 2009). De acordo com a *National Military Strategy of the United States of America (USA)*⁶⁰ de 2004, no nível operacional e tático, as Op Info reafirmam o plano de Com Estrt de modo a assegurar a unidade de temas e mensagens, enfatizar o sucesso, confirmar ou contestar de forma clara e objetiva os relatos civis sobre as operações norte-americanas, e reforçar a legitimidade das metas dos EUA na comunidade internacional.

Desta forma, percebemos que as palavras proferidas por Rumsfeld estavam em consonância com a concepção de Castells, quando este afirma que, na contemporânea sociedade em rede, terroristas e grupos insurgentes utilizam o poder da comunicação para reconstruir a sociedade segundo suas crenças e valores, através das redes de comunicação, influentes fontes de construção de poder para atores estatais e não estatais. Além do mais, quando Rumsfeld alerta sobre os perigos dos efeitos prejudiciais que alcance de uma notícia “tratada” pode gerar, sua fala está de acordo com os preceitos de Visacro sobre a disseminação da informação em escala planetária.

Assim, compreender e gerenciar o ambiente informacional e suas dimensões física, informacional e cognitiva assumia um papel de destaque na elaboração de planos e estratégias governamentais norte-americanas, seja em períodos de paz, bem como no gerenciamento de crises e na solução de conflitos armados

Outrossim, a assertiva de Freedman tem conformidade à teoria de Visacro, quando este ressalta o fortalecimento da opinião pública proporcionado pelo acesso irrestrito aos meios de comunicação de massa, e pela divulgação da informação a nível global através das mídias sócias.

Ademais, em conformidade com a atual doutrina estadunidense, no início do século

⁶⁰ “Estratégia Nacional Militar dos Estados Unidos da América (EUA)” (tradução nossa).

XXI, verificamos a intenção do níveis político e estratégico estadunidense de concentrar esforços de Com Estrt para criar condições favoráveis à consecução de interesses, políticas e objetivos dos EUA.

A seguir, verificaremos a Com Estrt adotada pelos EUA no conflito.

4.1 A Comunicação Estratégica (Com Estrt) dos EUA, de 2001 a 2006

Segundo Dimitriu (2011), a comunicação estratégica dos EUA com relação à guerra do Afeganistão pode ser dividida em fases. De 2001 a 2003, mensagens conflitantes e uma abordagem centrada no inimigo caracterizam a primeira etapa. As palavras proferidas aos norte-americanos, em setembro de 2001, pelo então Presidente George W. Bush: *You're either with us, or with the terrorists*⁶¹ ressoaram de forma positiva ao público interno, porém, geraram preocupações aos aliados dos EUA na Europa e ocasionaram acentuado desconforto nos países muçulmanos.

Ademais, ao comparar a “guerra contra o terror” com uma “cruzada e um choque entre civilizações”, o presidente norte-americano ratificou a narrativa da Al-Qaeda que uma aliança sionista-cristã ambicionava destruir o islã, bem como, despertou a sensação em muçulmanos comedidos de que norte-americanos estariam envolvidos em uma batalha contra o islamismo (DIMITRIU, 2011).

De acordo com Jones⁶² (2009, *apud* Dimitriu, 2011), a estratégia de comunicação e as operações militares no Afeganistão estavam alinhadas com as ideias e perspectivas do governo estadunidense. As tropas norte-americanas foram enviadas ao Afeganistão de acordo

⁶¹ “Você está conosco, ou com os terroristas” (tradução nossa).

⁶² Jones, S. (2009). In the graveyard of empires: America's war in Afghanistan. New York: W.W. Norton & Company.

com a “Guerra Global ao Terror”, que tinha como objetivo eliminar os terroristas após a derrubada do regime talibã.

Entretanto, segundo Dimitriu (2011), as atividades de influência inicialmente foram realizadas de forma independente pelas frações de Op Psico norte-americanas, não incorporadas a um método amplo de Com Estrt. As ações de Op Psico foram empregadas com o objetivo de apoiar a ação de caçar e eliminar terroristas.

Portanto, aderindo à teoria de Visacro, percebemos que antes das operações militares em solo afegão, o governo dos EUA iniciou uma rápida e agressiva campanha de Com Estrt para influenciar a opinião pública interna e externa. Obter o controle da narrativa era essencial para consolidar a credibilidade das informações do governo dos EUA. Entretanto, apesar da aceitação e do apoio da opinião pública norte-americana, concluímos que a escolha pela narrativa de “Guerra Global ao Terror” foi infeliz ao não avaliar a forma como ela seria recebida pela comunidade internacional, principalmente entre os muçulmanos. Podemos deduzir que, a má avaliação dos públicos-alvo no contexto de uma campanha de comunicação estratégica mal elaborada, poderia ter prejudicado os norte-americanos na assinatura de acordos com os tradicionais aliados europeus, bem como ter amplificado a aversão da comunidade muçulmana em todo o mundo contra os EUA.

A segunda fase, de 2003 a 2006, pode ser caracterizada por uma batalha pela percepção. Os EUA perceberam que para se contrapor à narrativa talibã, a qual prenunciava que as superpotências estrangeiras intencionavam governar o país islâmico, era preciso travar uma disputa ideológica no campo das comunicações, e não apenas na dimensão física da guerra (DIMITRIU, 2011).

Segundo Dimitriu (2011), a partir de 2003, as forças norte-americanas perceberam que um requisito primordial para derrotar a insurgência seria merecer a confiança da população afegã, através de uma atuação focada na segurança do povo afegão e no desenvolvimento do

país, baseada em uma Com Estrt eficaz. Era notório que a caça aos terroristas estava apenas estendendo o poder e a influência do Talibã, principalmente nas áreas rurais do sul e leste do Afeganistão.

Desta forma, depreendemos que consoantes ao pensamento de Smith, citado por Visacro, as tropas norte-americanas perceberam que manter o foco na caça aos terroristas seria contraproducente, e que necessitariam combater entre a população afegã para derrotar a insurgência Talibã. A conquista do apoio do povo afegão seria essencial para a obtenção do sucesso das forças estadunidenses. Nesse contexto, em conformidade com a doutrina norte-americana, as Op Psico seriam a principal CRI que daria suporte à Com Estrt, na tentativa de influenciar os afegãos a apoiarem os objetivos dos EUA.

4.2 As Operações Psicológicas norte-americanas no Afeganistão

Apesar de grande parte das tropas norte-americanas desconhecerem a cultura afegã, como descrito por Wright et al. (2010), pequenas frações já haviam realizado estudos a respeito do assunto. Conforme Lamb (2005), “O envolvimento das frações de Op Psico na OEF começou no dia seguinte aos atentados. O *Tactical PSYOP Detachment*⁶³ (TPD) 940 começou a análise do público-alvo do Afeganistão, incluindo a população afegã, o Talibã e a Al-Qaeda”.

Em seguida, após o estabelecimento da *Joint Psychological Operations Task Force*⁶⁴ (JPOTF), as orientações foram emitidas às forças de Op Psico. Podemos resumir estas diretiva sem isolar o Talibã e a Al-Qaeda, do apoio doméstico e internacional, e de forma inversa, incrementar a percepção de legitimidade das operações dos EUA, assim como, reduzir a eficácia das forças inimigas, minando o moral e a vontade de realizar suas atividades (LAMB,

⁶³ “Destacamento Tático de PSYOP” (tradução nossa).

⁶⁴ “Força-Tarefa Conjunta de Operações Psicológicas” (tradução nossa).

2005).

De acordo com Lamb (2005), as ações de Op Psico foram divididas em duas fases: a primeira anterior ao início das operações de campo, onde foram realizadas atividades focadas no desenvolvimento de panfletos e roteiros de radiodifusão; e a segunda durante as operações, momento em que as tropas de Op Psico realizaram várias missões para ajudar a preparar o terreno para operações aéreo-terrestres.

Nas primeiras fases da operação, as Op Psico focaram no desenvolvimento e distribuição de panfletos e rádios por via aérea. O regime talibã considerava crime a posse de rádio pelo cidadão afegão, e por isso, poucos possuíam o aparelho. De forma que as mensagens de Op Psico fossem ouvidas pela população afegã, as frações de Op Psico desdobradas no terreno começaram também a distribuir pequenos rádios (LAMB, 2005).

Salientamos que, em 2001, apenas 0,78% da população afegã tinha acesso à eletricidade⁶⁵. Dos cerca de 21 milhões de afegãos, menos de 1% eram usuários da internet ou possuíam assinatura de telefonia móvel⁶⁶. Além do mais, o Talibã, após assumir o controle da capital - Cabul, em 26 de setembro de 1996, iniciou um período de restrita regulamentação de mídias tradicionais, como jornais e a tv. Além das restrições governamentais, o alto índice de analfabetismo corroborava para a baixa leitura de periódicos. O rádio era o meio de transmissão de mensagens preferido dos afegãos, uma possibilidade apropriada para uma sociedade de baixa alfabetização⁶⁷.

Ainda sobre esse enfoque, a Rádio Voz da *Sharia*⁶⁸ era controlada pelo Ministério da Informação e Cultura, e, a partir de 1996, a polícia religiosa do Talibã iniciou uma violenta ação de repressão, destruindo aparelhos particulares de televisão, e punindo com açoites e

⁶⁵ Disponível em: <<https://www.ourworldindata.org>>. Acesso em: 02 jun. 2020.

⁶⁶ Disponível em: <<https://www.theglobaleconomy.com>>. Acesso em: 02 jun. 2020.

⁶⁷ Disponível em: <<https://www.pressreference.com>>. Acesso em: 02 jun. 2020.

⁶⁸ Consideramos neste trabalho a *Sharia* como a lei islâmica adotada na maioria dos países muçulmanos.

encarceramento de seis meses qualquer pessoa encontrada de posse deste aparelho⁶⁹.

Assim, podemos concluir que a população afegã não estava inserida na sociedade em rede, da forma idealizada por Castells. Ela vivia isolada, praticamente não conectada ao resto do planeta. A autocomunicação, proporcionada hoje principalmente por aparelhos celulares e pelas mídias sociais, era praticamente inexistente. Além disto, após assumir o controle do país, o regime autocrata talibã impôs um rígido e severo controle sobre os meios de comunicação de massa, fato que corroborou ainda mais para o isolamento da população afegã.

Diante dessas características e circunstâncias da sociedade afegã do início do nosso século, o planejamento dos temas de operações psicológicas, e a forma como estas deveriam ser conduzidas nas comunidades, deveria levar em conta formas de superar as adversidades apresentadas.

Portanto, naquele momento da intervenção, em aderência ao pensamento de Visacro, além das operações cinéticas⁷⁰ de guerra, que envolvem a aplicação da força para obter um efeito direto desejado, eram necessárias operações não cinéticas⁷¹, com o intuito de influenciar um público-alvo específico, por meio de meios e mídias disponíveis que pudessem ser acessadas pelo cidadão afegão comum.

A seguir, apresentaremos a análise da eficácia de alguns temas e mensagens de Op Psico desenvolvidos no Afeganistão, de 2001 a 2006.

4.2.1 Operações psicológicas: uma análise quanto à eficácia

Conforme afirma Munoz (2012), a maioria das Op Info realizadas no Afeganistão

⁶⁹ Disponível em: <<https://www.pressreference.com>>. Acesso em: 03 jun. 2020.

⁷⁰ Ver glossário.

⁷¹ Idem.

referem-se à capacidade principal de Op Psico. A missão de tentar influenciar as mentes afegãs seria bastante complexa, pois os mesmos temas e mensagens poderiam ser interpretados e respondidos de diversas maneiras por públicos-alvo diferentes, dentro de uma mesma sociedade, de cultura tribal e bastante heterogênea.

A missão das Op Psico de conferir legitimidade às forças e objetivos dos EUA era essencial, pois obter sucesso em garantir o apoio popular, ou sem ao menos neutralizar o apoio ativo da população a insurgentes e terroristas, seria muito difícil (LAMB, 2005).

Segundo Munoz (2012), frações de Op Psico especial tentaram adequar as iniciativas de Op Psico de forma a influenciar os afegãos, sobretudo os *pashtuns*, população predominante nas áreas conflagradas, e o principal apoio da insurgência do Talibã.

Desta forma, concluímos que a legitimidade das ações do Estado, ou coalizão de Estados que está realizando a intervenção militar em território estrangeiro, é um tema de extrema importância a ser trabalhado pelas Op Psico. Caso contrário, sem a clara compreensão dos objetivos da força invasora pela população local, assume-se o risco desta tornar-se mais um inimigo a ser enfrentado, pois ela poderá apoiar as ações dos insurgentes e interferir negativamente nas ações da força de intervenção.

Entretanto, desde o início do conflito, as ações de Op Psico foram ineficazes ao utilizar os ataques de 11 de setembro aos EUA como justificativa para a intervenção ao Afeganistão. Foram produzidos e distribuídos pôsteres e folhetos contendo imagens dos ataques às torres do *World Trade Center* (FIG. 6, ANEXO F). O intuito era sensibilizar o público-alvo, os pashtun, sobre o número de baixas civis decorrentes dos atentados. Esta estratégia buscava classificar os talibãs como terroristas, porém os *pashtun* não os consideravam dessa forma e, apesar da aliança do regime com a Al-Qaeda, não concordavam que o Talibã tivesse alguma responsabilidade sobre os ataques à cidade de Nova Iorque (MUNOZ, 2012).

Ainda sobre essa tipo de abordagem, meses após a invasão, frações de Op Psico do Exército norte-americano produziram um vídeo contendo imagens dos aviões atingindo as duas torres. O material incluía dublagens e música afegã nas línguas *dari* e *pashto*, as duas mais faladas no país⁷². Porém, segundo Eckel⁷³ (2002 *apud* Munoz 2012, p. 36), “a maioria dos espectadores não conseguia entender as imagens de aviões explodindo em edifícios altos e brilhantes; pessoas bem vestidas fugindo das nuvens; bombeiros, entulho, poeira e destruição”.

Segundo Munoz (2012), a maioria dos aldeões pouco sabia sobre o que havia acontecido em 11 de setembro daquele ano. Muitos nunca tinham visto um aparelho de televisão durante suas vidas. O público-alvo não entendia as imagens que estavam sendo disseminadas para justificar o argumento antiterrorista.

Portanto, conforme os conceitos da doutrina de Op Psico estadunidense, concluímos que esta falha inicial na escolha da comunicação visual demonstra uma análise inapropriada do público-alvo. Apesar de mensagens e ações focadas nas impactantes ações da Al-Qaeda nos EUA, o objetivo de influenciar os aldeões afegãos não foi alcançado. Em que pese as tentativas das frações de Op Psico de utilizarem meios audiovisuais, estas foram ineficazes por não considerarem a cultura e o ambiente do povo afegão, produzindo uma resposta comportamental negativa de fácil observação.

Ainda sobre o enfoque de combate ao terrorismo, algumas mensagens foram enviadas aos afegãos com o intuito de demonstrar que apenas a Al-Qaeda e seus aliados do Talibã eram os inimigos dos EUA (FIG. 7, ANEXO G), e não a população afegã. Outras clamavam para que os afegãos não permitissem que seu país fosse usado como abrigo de terroristas. Avaliando a eficácia, elas não foram eficazes na tentativa de influenciar, pois, apesar de pesquisas de opinião demonstrar em que o povo afegão repudiava o terrorismo então

⁷² Disponível em: <<https://www.worldatlas.com>>. Acesso em: 02 jun. 2020.

⁷³ Eckel, Mike, “U.S. Military Turns to Video of 9/11/01 to Win Hearts and Minds of Afghans,” Associated Press reporter, 2002.

desejava que o país fosse ocupado por grupos terroristas, a maioria dos *pashtun* nunca havia visitado os poucos campos de treinamento de terroristas, e jamais teria visto um membro da Al-Qaeda, tampouco o próprio Osama bin Laden. Havia pouca crença entre os *pashtun* de que o Afeganistão havia se tornado um santuário para terroristas estrangeiros (MUNOZ, 2012).

Segundo afirma Friedman (2006), em 15 de outubro de 2001, além do lançamento de panfletos (FIG. 8, ANEXO H), mensagens de radiodifusão também foram transmitidas por aeronaves EC-130 Comando Solo (FIG. 9, ANEXO I), como a seguinte:

Em 11 de setembro, os Estados Unidos foram alvo de ataques terroristas, não deixando outra escolha a não ser buscar justiça por esses crimes horríveis. **Estamos aqui para tomar medidas contra os terroristas que se enraizaram em seu país. Não é você, o povo honorável do Afeganistão, que é alvo, mas aqueles que o oprimem, procuram curvá-lo à sua própria vontade e torná-lo seu escravo.** Serão necessários os esforços combinados da comunidade internacional e de vocês para remover essas pessoas más do Afeganistão. Execute a seguinte ação: Não dê comida, abrigo ou qualquer tipo de ajuda aos Taliban ou Osama bin Laden. Isso será uma grande ajuda no esforço (FRIEDMAN, 2006, tradução nossa, grifo nosso)⁷⁴.

Segundo Munoz (2012), na tentativa de se contrapor à narrativa Talibã de que uma intervenção de forças imperialistas e anti-islâmicas estaria em curso, mensagens afirmando que as forças da coalizão trariam paz e progresso, foram distribuídas (FIG. 10, ANEXO J). Na tentativa de fortalecer essas razões desinteressadas, as forças norte-americanas distribuíram comida em comunidades isoladas próximas à fronteira com o Paquistão. Entretanto, a efetividade e a credibilidade da propaganda norte-americana foram denegridas devido à conduta agressiva das forças da coalizão. Relatos de *pashtuns* alertavam para casos de arrombamentos e invasões a propriedades privadas afegãs, principalmente no período noturno.

⁷⁴ No original em inglês: “On September 11th, the United States was the target of terrorist attacks, leaving no choice but to seek justice for these horrible crimes. We are here to take measures against the terrorists that have rooted themselves in your country. It is not you, the honorable people of Afghanistan, who are targeted, but those who would oppress you, seek to bend you to their own will, and make you their slaves. It will take the combined efforts of the international community and you to remove these evil people from Afghanistan. Take the following action: Do not give food, shelter, or any type of aid to the Taliban or Osama bin Laden. This will be a great help in the effort”.

Desta forma, depreendemos que, na dimensão informacional, apesar do empenho das tropas de Op Psico de tentar justificar as razões das forças de intervenção, através de meios visuais e de radiodifusão por via aérea, bem como, de mudar o foco dos temas das mensagens, do combate aos terroristas e insurgentes para o apoio da população afegã, algumas ações táticas negativas realizadas na dimensão física do conflito denegriram a legitimidade e a credibilidade das Forças da coalizão. Portanto, concluímos que a postura das tropas dos EUA divergia do preconizado na atual doutrina norte-americana de Op Psico, a qual preconiza que no ambiente operacional, a influência efetiva é obtida pela consistência entre o que é dito e o que é feito.

Outro assunto que minava a credibilidade da mensagem difundida pelos EUA, de que a condução à paz e ao progresso do Afeganistão seria o real objetivo das forças de intervenção, diz respeito às baixas civis provocadas pelos constantes bombardeios. As queixas públicas e a insatisfação do Presidente Hamid Karzai, como também de grande parte da população afegã, prejudicavam a imagem das forças dos EUA perante a opinião pública norte-americana, internacional e afegã (MUNOZ, 2012).

Além do mais, segundo Munoz (2012), a postura do governo dos EUA de tentar justificar as inúmeras vítimas civis, decorrentes de bombardeios da coalizão, denotava certa conivência e aceitação dos EUA pelos danos colaterais das operações militares. Essa atitude de consentimento fomentou e robusteceu a narrativa Talibã que retratava o presidente Hamid Karzai como um fantoche das potências invasoras. A falta de unicidade de comunicação entre autoridades dos EUA e do Afeganistão fortalecia progressivamente as narrativas Talibãs.

Assim, aqui percebemos mais uma falha de comunicação norte-americana. As autoridades estadunidenses, ao admitirem a possibilidade da morte de civis afegãos inocentes, transmitiram à opinião pública dos EUA e à comunidade internacional a mensagem de que os EUA não se importavam com as vidas afegãs perdidas. Em que pese a mensagem do nível político norte-americano estivesse sincronizada com as ações militares dos EUA em solo afegão,

ela não fortalecia ou preservava condições favoráveis à consecução dos interesses, políticas e objetivos norte-americanos, indo de encontro à atual doutrina dos EUA.

Em 2003, de forma a neutralizar a narrativa do Talibã e da Al-Qaeda, que rotulava as tropas invasoras norte-americanas como infiéis em uma cruzada contra os muçulmanos, as frações de Op Psico produziram um folheto com foco na população local (FIG. 11, ANEXO K). O objetivo desse produto era tornar mais humana a imagem dos norte-americanos, através da tentativa de aproximação e do fortalecimento de laços de amizade entre famílias estadunidenses e afegãs. Para boa parte da população do país islâmico, a imagem do aperto de mão nutria a esperança e simbolizava a capacidade dos EUA de reconstruir seu país (MUNOZ, 2012).

Entretanto, segundo Munoz (2012), se a missão das Op Info norte-americanas no Afeganistão fosse a de influenciar afegãos, habitantes em áreas conflagradas, a apoiarem decisivamente o governo afegão e seus aliados estrangeiros contra a insurgência do Talibã, ela não foi cumprida. Mesmo quando as Op Info e as Op Psico adotaram todas as medidas corretas, a credibilidade da mensagem foi prejudicada pela preocupação entre os afegãos de que seu próprio governo, amplamente percebido como fraco e corrupto, não seria capaz de protegê-los do violento e implacável Talibã após a saída das tropas dos EUA e da OTAN.

Dado o exposto, concordando com a assertiva de Munoz, concluímos que, nos seis primeiros anos da guerra, as Op Psico norte-americanas no Afeganistão foram ineficazes na tentativa de influenciar e alterar o comportamento dos afegãos residentes em regiões conflagradas pelo conflito, de forma a apoiarem as tropas norte-americanas na consecução dos objetivos dos EUA.

Complementando essa análise, percebemos que, inicialmente, os temas e ações focadas na Al-Qaeda e no Talibã estavam em consonância com a Com Estrt norte-americana de combate ao terrorismo. Entretanto, mensagens cultural e ambientalmente mal ajustadas a uma sociedade com sérios problemas de infraestrutura, e praticamente não integrada à sociedade em

rede conceituada por Castells, dificultaram a comunicação entre norte-americanos e afegãos.

Por fim, verificamos que, em que pese em meados de 2003, as frações norte-americanas de Op Psico terem produzido e disseminado, temas e mensagens focados na aproximação com a população afegã, com o intuito de justificar a intervenção estrangeira e, por conseguinte, se contrapor as narrativas talibãs, algumas ações táticas abusivas das tropas norte-americanas e as baixas civis afegãs provocadas pelos bombardeios, reduziram a credibilidade e a legitimidade das forças dos EUA no Afeganistão.

5. CONCLUSÃO

No presente trabalho, assumimos como propósito responder se na Guerra do Afeganistão, de 2001 a 2006, as Op Psico estadunidenses foram empregadas, nos níveis operacional e tático, de acordo com a Com Estrt do nível político dos Estados Unidos da América (EUA).

Inicialmente, no capítulo dois, abordamos a teoria do poder da comunicação na sociedade em rede, uma nova estrutura social teorizada por Castells. Nessa nova organização, o sociólogo reexamina o papel e o poder da informação, através das redes de comunicação estabelecidas entre as suas características sociais, econômicas e políticas, interligadas e potencializadas pelas inovações e pelo desenvolvimento acelerado das TIC. Ele destaca uma nova estrutura social em rede, que envolve todos os âmbitos da atividade humana, numa interdependência multidimensional, que depende dos valores e, principalmente, dos interesses dos atores envolvidos no processo. Enfim, concluímos que as redes de comunicação e seus fluxos estão transformando as relações de poder. A autocomunicação de massa aproxima, estimula, e potencializa, mesmo entre continentes, os desejos, contestações e fúrias de indivíduos, movimentos e organizações que através das mídias, desafiam governos e influenciam a opinião pública.

Em seguida, ainda na fundamentação teórica, procuramos entender como essa emergente estrutura social pode estar mudando a natureza dos conflitos de acordo com Visacro.

Em um século de variadas e rápidas transformações, é bastante oportuno pensarmos acerca do emprego de forças convencionais, assim como efetuado por tradição e ideologia nas principais disputas bélicas do século passado. De fato, precisamos refletir se realmente as guerras na era da informação, onde as TIC, mídia e opinião pública desempenha uma papel de

caráter estratégico, estão sendo vencidas nas dimensões humanas e informacional, e se estas dimensões assumem um papel preponderante em relação a dimensão física dos conflitos.

Ao fim do capítulo teórico, contextualizamos a evolução da doutrina de Op Info, bem como, familiarizamos o leitor acerca da sua terminologia específica, com o intuito de inseri-lo no ambiente informacional, por onde se desenvolvem as ações e operações que são capazes de influenciar os tomadores de decisões e os públicos-alvo.

No capítulo três, contextualizamos a guerra e abordamos as estratégias de contraterrorismo e contra-insurgência, adotadas pelos EUA durante o conflito. Verificamos inicialmente que, em conformidade com a Com Estrt e orientação política de Guerra Global ao Terror, ações nas dimensões física e informacional do ambiente operacional foram priorizadas pelas tropas norte-americanas em território afegão, de forma a caçar terroristas da Al-Qaeda e destruir as forças do Talibã. Entretanto, em meados de 2003, consoantes com uma nova percepção da realidade, focada na população afegã, e de forma a se contrapor as ações de violência provocadas por insurgentes talibãs, os militares estadunidenses adotaram a estratégia de contra-insurgência.

No capítulo quatro, analisamos o uso da informação e a comunicação realizada por autoridades civis dos EUA e pelas tropas norte-americanas de Op Psico no Afeganistão. Verificamos que, inicialmente, a Com Estrt norte-americana de combate ao terrorismo mundial poderia ter prejudicado alianças na Europa e inflamado a comunidade muçulmana em todo o mundo. A partir de 2003, os EUA perceberam que para se contrapor à narrativa talibã, era preciso travar uma disputa ideológica no campo das comunicações. As tropas estadunidenses notaram que um requisito primordial para derrotar a insurgência seria merecer a confiança da população afegã. Não obstante, embora as Op Psico estadunidenses tenham sido desenvolvidas em consonância e de forma a dar suporte à Com Estrt do governo dos EUA, elas foram ineficazes na tentativa de influenciar o povo afegão a apoiar as tropas norte-americanas.

Com isso, respondemos de forma positiva o questionamento proposto no presente trabalho, por concluirmos que no período de 2001 a 2006, as ações de Op Psico norte-americanas, desenvolvidas no nível operacional e tático, estavam em consonância com a Com Estrt do nível político dos EUA.

Entretanto, destacamos que o presente trabalho não busca, de maneira alguma, exaurir o assunto. Pretendemos oferecer uma reflexão acerca do objeto estudado, com o intuito de que as doutrinas da Marinha do Brasil e do Ministério da Defesa, com base nas boas práticas e lições aprendidas pelas principais Forças Armadas estrangeiras, estejam sempre atualizadas sobre o tema Op Info, bem como, sobre o processo de coordenação e integração das CRI. Sugerimos como futuras linhas de pesquisa, um estudo acerca da evolução das Op Info que considere a possibilidade da inclusão da Com Estrt como CRI; assim como, um trabalho que objetive constatar se na era da informação, os conflitos travados nas dimensões informacional e humana se sobrepõem em importância aos disputados na tradicional dimensão física.

Por todo o exposto, ao final deste trabalho, concluimos que a análise e o constante aprimoramento das CRI são de fundamental importância para o desenvolvimento do tema de Op Info na doutrina das Forças Armadas brasileiras. Visto que, no ambiente operacional dos conflitos armados da era do conhecimento, o uso apropriado da informação e a maneira como autoridades civis e militares utilizam o poder da comunicação, demonstram ser atitudes e ferramentas capazes de informar e influenciar de forma eficaz públicos-alvo de interesse.

REFERÊNCIAS

- ASISIAN, Njdeh. (2007). *An Iranian View of US Psychological Operations in Iraq and Afghanistan*. IO Sphere: The Professional Journal of Joint Information Operations. Disponível em: <<https://tinyurl.com/y36x86af>>. Acesso em 25 Abr. 2020.
- ARMISTEAD, Leigh. *Information Operations Matters: Best Practices*. Potomac Books. Kindle Edition. 2010. Disponível em: <<https://tinyurl.com/y37mfx3u>>. Acesso em: 6 ago 2020.
- BARNO, David W. *Fighting The Other War: Counterinsurgency Strategy in Afghanistan, 2003-2005*. Disponível em: <<https://tinyurl.com/y42muky>>. Acesso em 14 Jun. 2020.
- BIABANNAVAR, Ali Reza. *A Comparative Study of US PSYOP in Iraq and Afghanistan*. Scientific-Professional Quarterly on Psychological Operations. 3.11 (2006) apud ASISIAN, Njdeh. (2007). *An Iranian View of US Psychological Operations in Iraq and Afghanistan*. IO Sphere: The Professional Journal of Joint Information Operations.
- BRASIL. Ministério da Defesa. Glossário das Forças Armadas (MD35-G-01). Brasília, ed. 5, 2015.
- BRASIL. Exército Brasileiro. Manual de Campanha (EB20-MC-10.213). Operações de Informações. Brasília, ed.1. 2014.
- CASTELLS, Manuel. *O Poder da Comunicação*. 1ª Ed. São Paulo/Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015. 344p. Tradução de Vera Lúcia Mello Joscelyne; revisão de tradução de Isabela.
- CASTELLS, Manuel. *A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura - A Sociedade em rede*. V.1. 6ª. Ed. Revista e ampliada. São Paulo: Paz e Terra, 1999. 574p. Tradução: Roneide Venâncio Majer, atualização para 6ª edição: Jussara Simões.
- COHEN, William S. *Quadrennial Defense Review Report* (1997). Disponível em: <<https://www.files.ethz.ch/isn/32542/qdr97.pdf>>. Acesso em: 20 jun 2020.
- COX, Joseph L. *Information Operations in Operation Enduring Freedom and Iraqi Freedom – What Went Wrong? A Monograph* by Major Joseph L. Cox US Army. Disponível em: <<https://fas.org/irp/eprint/cox.pdf>>. Acesso em: 07 Mai. 2020.
- DIMITRIU, George. *Winning the story war: Strategic communication and the conflict in Afghanistan*. 2011. Disponível em: <<https://tinyurl.com/y6keewz8>> Acesso em: 25 Mai. 2020.
- EUA - Estados Unidos da América. *Information Operations* (JP 3-13 - Incorporating Change 1 of 20 November 2014). Washington, 2012.
- EUA - Estados Unidos da América. *Joint Doctrine for Information Operations* (JP 3-13). Washington, 1998
- EUA - Estados Unidos da América. *Joint Publication 3-13.2 – Psychological Operations*, 7 January 2010. Disponível em < <https://fas.org/irp/doddir/dod/jp3-13-2.pdf>> Acesso em: 15 Abr. 2020.

FREEDMAN, Lawrence. *The transformation of Strategic Affairs*. 2006.

FRIEDMAN, Herbert A. *Psychological Operations in Afghanistan*, Operation Enduring Freedom, 2001.

GOUVEIA, Luis Manoel Borges. *Sociedade da Informação*. 2004. Disponível em: <<https://tinyurl.com/yyuo5749>>. Acesso em: 7 ago 2020.

INFORMATION OPERATIONS: *The Hard Reality of Soft Power*. Disponível em: <<https://tinyurl.com/y46kf6tw>>. Acesso em: 15 jun. 2020.

LAMB, C. J. Review of psychological operations lessons learned from recent operational experience. Washington: National Defense University Press, 2005. Disponível em: <<https://fas.org/irp/eprint/lamb.pdf>> Acesso em: 15 Abr. 2020.

MUNOZ, Arturo. U.S. Military Information Operations in Afghanistan: Effectiveness of Psychological Operations 2001–2010. 2012. Disponível em: <<https://www.rand.org/pubs/monographs/MG1060.html>>. Acesso em: 15 Mar. 2020.

National Military Strategy of the United States of America (2004): A Strategy for Today; A Vision for Tomorrow. Disponível em: <<https://tinyurl.com/y538c8sg>>. Acesso em: 10 jun 2020.

RICHTER, Walter E. O Futuro das Operações de Informações. 2009. Disponível em: <<https://tinyurl.com/y2uzvbum>>. Acesso em: 12 jun. 2020.

RUMSFELD, Donald H. New Realities in the Media Age. Friday, february 17, 2006. Disponível em: <<https://www.cfr.org/event/new-realities-media-age-0>>. Acesso em 10 jul. 2020.

TADDEO, Valentina. U.S. Response to Terrorism: A Strategic Analysis of the Afghanistan Campaign. *Journal of Strategic Security* 3, no. 2 (2010). Disponível em: <<https://tinyurl.com/y4g445fw>>. Acesso em: 12 jul. 2020.

UNITED STATES OF AMERICA DEPARTMENT OF DEFENSE, Strategy for Operations in the Information Environment, JUNE 2016. Disponível em: <<https://tinyurl.com/yxdf6m2m>>. Acesso em: 10 jun 2020.

UNITED STATES OF AMERICA DEPARTMENT OF DEFENSE, Joint Vision 2010, 1996. Disponível em: <<https://tinyurl.com/y2lsk5ln>>. Acesso em: 06 jun 2020.

UNITED STATES OF AMERICA DEPARTMENT OF DEFENSE, Quadrennial Defense Review Report (QDRR), 1997. Disponível em: <<https://tinyurl.com/y43dyjtj>>. Acesso em: 08 jun 2020.

VISACRO, Alessandro. *A Guerra na Era da Informação*. São Paulo 2018. Editora contexto. [224] p.

WRIGHT, Donald P.; BIRD, James R.; Clay Steven E.; CONNORS, Peter W.; FARQUHAR, Scott C.; GARCIA, Lynne C.; WEY, Dennis F. Van. A Different Kind of War, The United States

Army in Operation ENDURING FREEDOM (OEF) October 2001 – September 2005.
Disponível em: <<https://tinyurl.com/y2dmxurz>>. Acesso em: 10 jun 2020.

GLOSSÁRIO

Ações cinéticas - São aquelas desencadeadas no interior da Área de Operações, que envolvem movimentos (fogos, voos, deslocamento de tropas e de blindados) e produzem resultados tangíveis (destruição, captura, conquista etc.) (BRASIL, 2015).

Ações não cinéticas - São aquelas desencadeadas no interior da Área de Operações, que não envolvem movimentos (ações de guerra eletrônica, operações psicológicas, ações de assuntos civis, ações no ciberespaço) e produzem resultados intangíveis (interferências eletromagnéticas, bloqueio, percepção positiva da população sobre as forças amigas e suas operações), mas que contribuem para o sucesso da operação (BRASIL, 2015).

Ambiente operacional - Conjunto de condições e circunstâncias que afetam o espaço onde atuam as forças militares e que afetam e interferem na forma como são empregadas. O mesmo que AMBIENTE OPERATIVO (BRASIL, 2015).

Centro de Gravidade (CG) - É uma fonte de força, poder e resistência física ou moral que confere ao contendor, em última análise, a liberdade de ação para utilizar integralmente seu poder de combate. O CG, uma vez conquistado ou atingido, poderá resultar no desmoronamento da estrutura de poder, uma vez que se trata de um ponto de equilíbrio que dá coesão às forças, à estrutura de poder e à resistência do adversário, sustentando o seu esforço de combate. Existe em todos os níveis de condução da guerra (BRASIL, 2015).

Contra-Insurgência - Estratégia onde se busca derrotar focos de revolta pelo emprego das mesmas táticas do inimigo, normalmente a guerrilha, com o propósito de eliminar o apoio da população à guerrilha. Para tal, essa estratégia inclui, se necessário, reformas sociais, econômicas e políticas na região (BRASIL, 2015).

Dimensão física do ambiente da informação - Dimensão composta de sistemas de comando e controle (C2), principais tomadores de decisão e infraestrutura de apoio que permite que indivíduos e organizações criem efeitos. É a dimensão onde residem as plataformas físicas e as redes de comunicação que as conectam. A dimensão física inclui, mas não se limita a, seres humanos, instalações C2, jornais, livros, torres de micro-ondas, unidades de processamento de computador, *laptops*, *smartphones*, *tablets* ou quaisquer outros objetos que estão sujeitos à

medição empírica. A dimensão física não se limita apenas a sistemas e processos militares ou mesmo nacionais; é uma rede desarmada conectada através de fronteiras nacionais, econômicas e geográficas (EUA, 2014).

Dimensão informacional do ambiente da informação - Dimensão que abrange onde e como as informações são coletadas, processadas, armazenadas, disseminadas e protegidas. É a dimensão onde o C2 das forças militares é exercido e onde a intenção do comandante é transmitida. As ações nesta dimensão afetam o conteúdo e o fluxo de informações (EUA, 2014).

Dimensão informacional do ambiente operacional - a dimensão informacional do ambiente operacional se reveste de destacada importância, uma vez que as mudanças sociais contemporâneas ocorridas decorrem diretamente dos avanços na área das TIC, que proporcionam elevada capacidade de transmissão, acesso e compartilhamento da informação (BRASIL, 2014).

Dimensão cognitiva do ambiente da informação – Dimensão que abrange as mentes daqueles que transmitem, recebem e respondem ou agem com base nas informações. Refere-se ao processamento de informações, percepção, julgamento e tomada de decisão de indivíduos ou grupos. Esses elementos são influenciados por muitos fatores, incluindo crenças individuais e culturais, normas, vulnerabilidades, motivações, emoções, experiências, moral, educação, saúde mental, identidades e ideologias. Definir esses fatores de influência em um determinado ambiente é fundamental para entender como melhor influenciar a mente do tomador de decisão e criar os efeitos desejados. Como tal, esta dimensão constitui o componente mais importante do ambiente de informação (EUA, 2014).

Dimensão humana do ambiente operacional - A dimensão humana compreende os elementos relacionados às estruturas sociais, seus comportamentos e interesses, normalmente geradores do conflito. Nesse contexto, a análise do Terreno Humano – agregado de características socioculturais existentes em um determinado ponto no tempo e no espaço geográfico – adquire a mesma relevância da análise do terreno físico (BRASIL, 2014).

Força convencional - Força destinada à execução de operações convencionais singulares ou conjuntas. Compreende, de um modo geral, as frações, subunidades e unidades das armas,

quadros e serviços, assim como as grandes unidades e os grandes comandos operativos de armas combinadas (BRASIL, 2015).

Guerra de atrito - Forma de conduzir operações que se pauta em uma maciça aplicação do poder combatente, a fim de reduzir a eficiência de lutar do inimigo, por meio da perda de pessoal e material. As forças são diretamente dirigidas sobre o centro de gravidade adversário. Buscam-se a consecução dos efeitos desejados por meio da destruição cumulativa dos meios físicos inimigos, tanto de pessoal quanto de material, trabalhando basicamente no campo físico, ou o confronto direto com as unidades de combate inimigas de modo a neutralizá-las. Os resultados serão proporcionais ao nível de força empregada e, normalmente, mais custosos em pessoal e material, havendo também a tendência a maiores danos às áreas onde se desenvolvem as ações e, também, à população civil local. Ver AÇÃO DIRETA. O mesmo que GUERRA DE ATRICÃO ou GUERRA DE DESGASTE (BRASIL, 2015).

Guerra eletrônica - Conjunto de ações que visam explorar as emissões do inimigo, em toda a faixa do espectro eletromagnético, com a finalidade de conhecer a sua ordem de batalha, intenções e capacidades, e, também, utilizar medidas adequadas para negar o uso efetivo dos seus sistemas, enquanto se protege e utiliza, com eficácia, os próprios sistemas (BRASIL, 2015).

International Security Assistance Force (ISAF): Força Internacional de Assistência à Segurança. Uma coligação de tropas de Estados membros e parceiros da OTAN, que atua no Afeganistão desde 2001. Seu propósito atual é ampliar a capacidade das forças afegãs, especificamente, no treinamento, no aconselhamento e na assistência militares. Disponível em: <[https://www.nato.int/cps/en/natolive/topics_69366 .htm](https://www.nato.int/cps/en/natolive/topics_69366.htm)>. Acesso em: 17 jun. 2020.

Níveis de condução da guerra - Escalões em que é organizada a gestão da guerra, aos quais são atribuídas as responsabilidades e as atividades inerentes ao esforço de guerra. Em termos de organização, preparação e condução da guerra, as responsabilidades são escalonadas nos níveis de decisão político, estratégico, operacional e tático (BRASIL, 2015).

Nível estratégico - Nível responsável pela transformação dos condicionamentos e das orientações políticas em ações estratégicas a serem desenvolvidas pelas forças militares. Neste nível são formuladas as possíveis soluções estratégicas para o problema político para o emprego das forças em operação (BRASIL, 2015).

Nível operacional - Nível que compreende o planejamento militar e a condução das operações requeridas pela guerra, em conformidade com a linha estratégica estabelecida (BRASIL, 2015).

Nível político – Nível responsável pela definição dos objetivos políticos da guerra, das alianças, das ações nos campos político, econômico, psicossocial, científico-tecnológico e militar, as limitações de uso do espaço geográfico, dos meios militares e do direito internacional e os acordos a serem respeitados. É o responsável pelas orientações e parâmetros para o desenvolvimento das ações estratégicas (BRASIL, 2015).

Nível tático – Nível responsável pelo emprego de frações de forças militares, organizadas, segundo características e capacidades próprias, para conquistar objetivos operacionais ou para cumprir missões específicas (BRASIL, 2015).

Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN): Organização internacional que possui 29 Estados membros e seu objetivo é garantir a liberdade e a segurança desses membros por meios políticos e militares. Disponível em: <https://www.nato.int/nato - welcome/index.html>. Acesso em: 17 jul. 2018.

Redes de comunicação - Estruturas complexas de comunicação construídas em torno de um conjunto de metas que simultaneamente garantem a unidade de propósito e a flexibilidade de execução em virtude de sua adaptabilidade ao ambiente operacional (CASTELLS, 2015).

Sociedade da informação – Sociedade baseada nas tecnologias de informação e comunicação, que envolvem a aquisição, o armazenamento, o processamento e a distribuição da informação por meios eletrônicos, como rádio, televisão, telefone e computadores, entre outros. Essas tecnologias não transformam a sociedade por si só, mas são utilizadas pelas pessoas em seus contextos sociais, econômicos e políticos, criando uma nova comunidade local e global: a Sociedade da Informação (GOUVEIA, 2004).

Teatro de Operações (TO)- Parte do teatro de guerra necessária à condução de operações militares de grande vulto, para o cumprimento de determinada missão e para o consequente apoio logístico (BRASIL, 2015).

ANEXO A

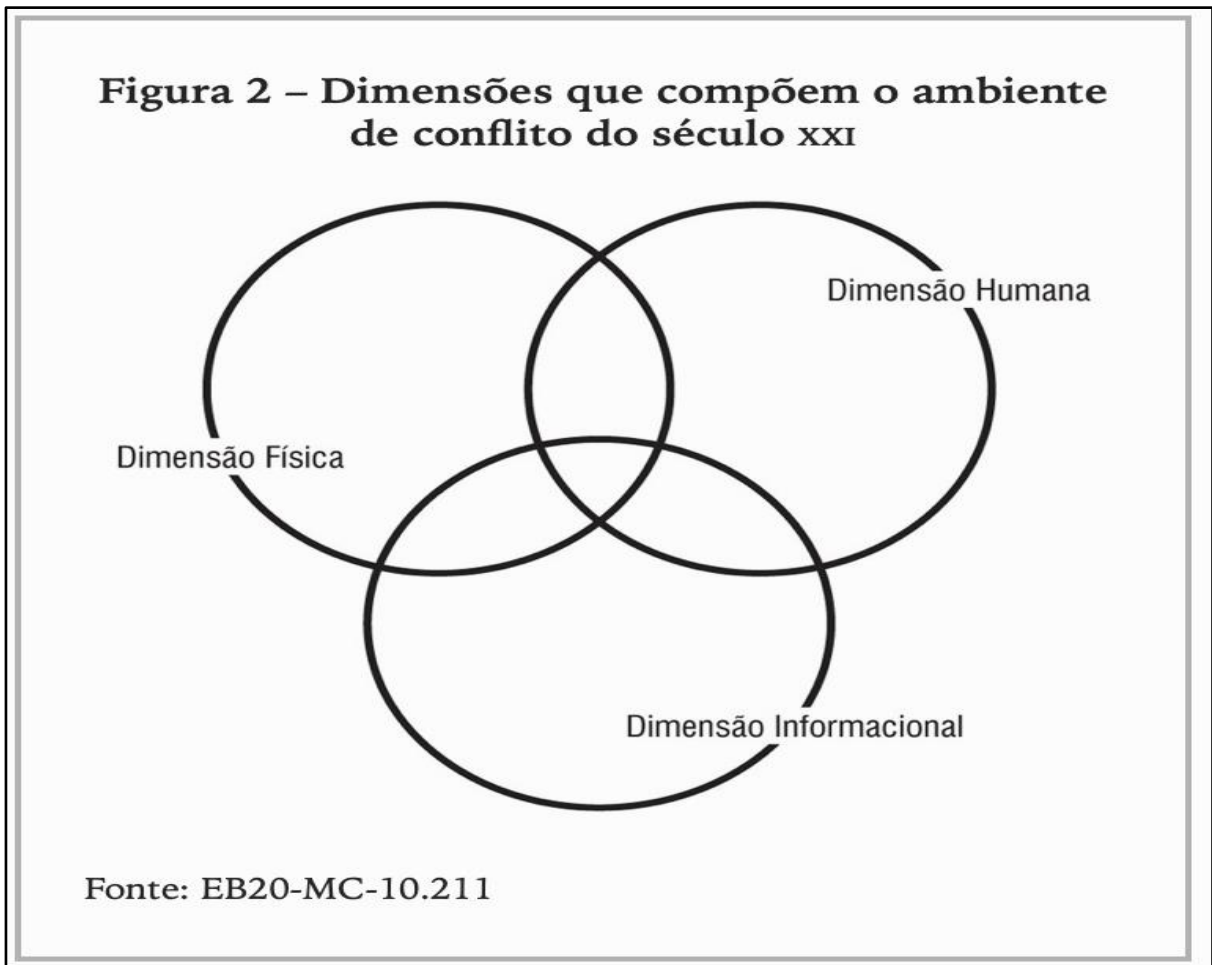


FIGURA 1 - As dimensões do ambiente dos conflitos do século XXI.

Fonte: A Guerra na Era da Informação, p. [174].

ANEXO B

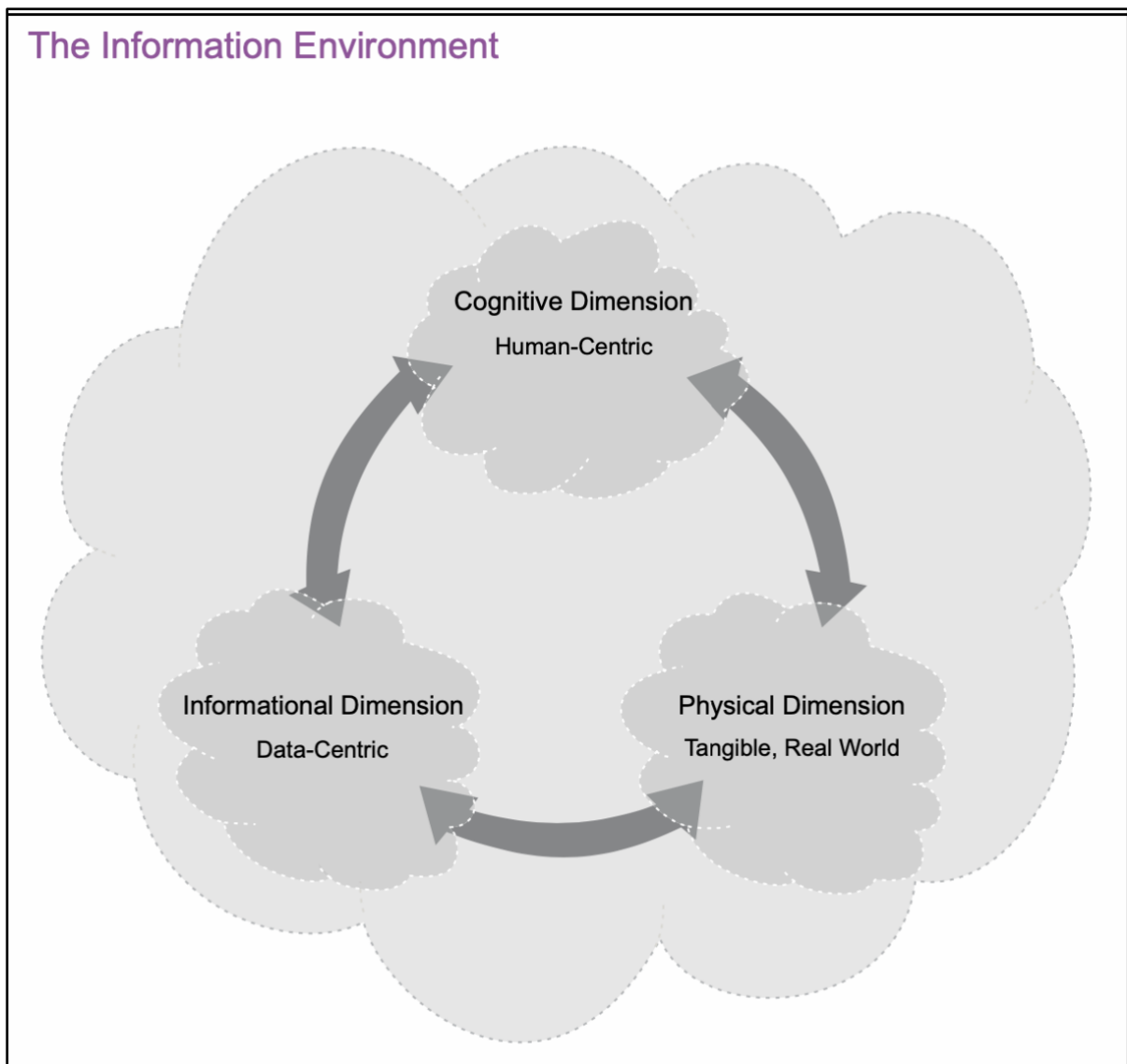


FIGURA 2 - O Ambiente da Informação.

Fonte: JP 3-13 *Information Operations*, p.I-2.

Nota: O Ambiente da Informação (AI) e suas dimensões física, informacional e cognitiva.

ANEXO C

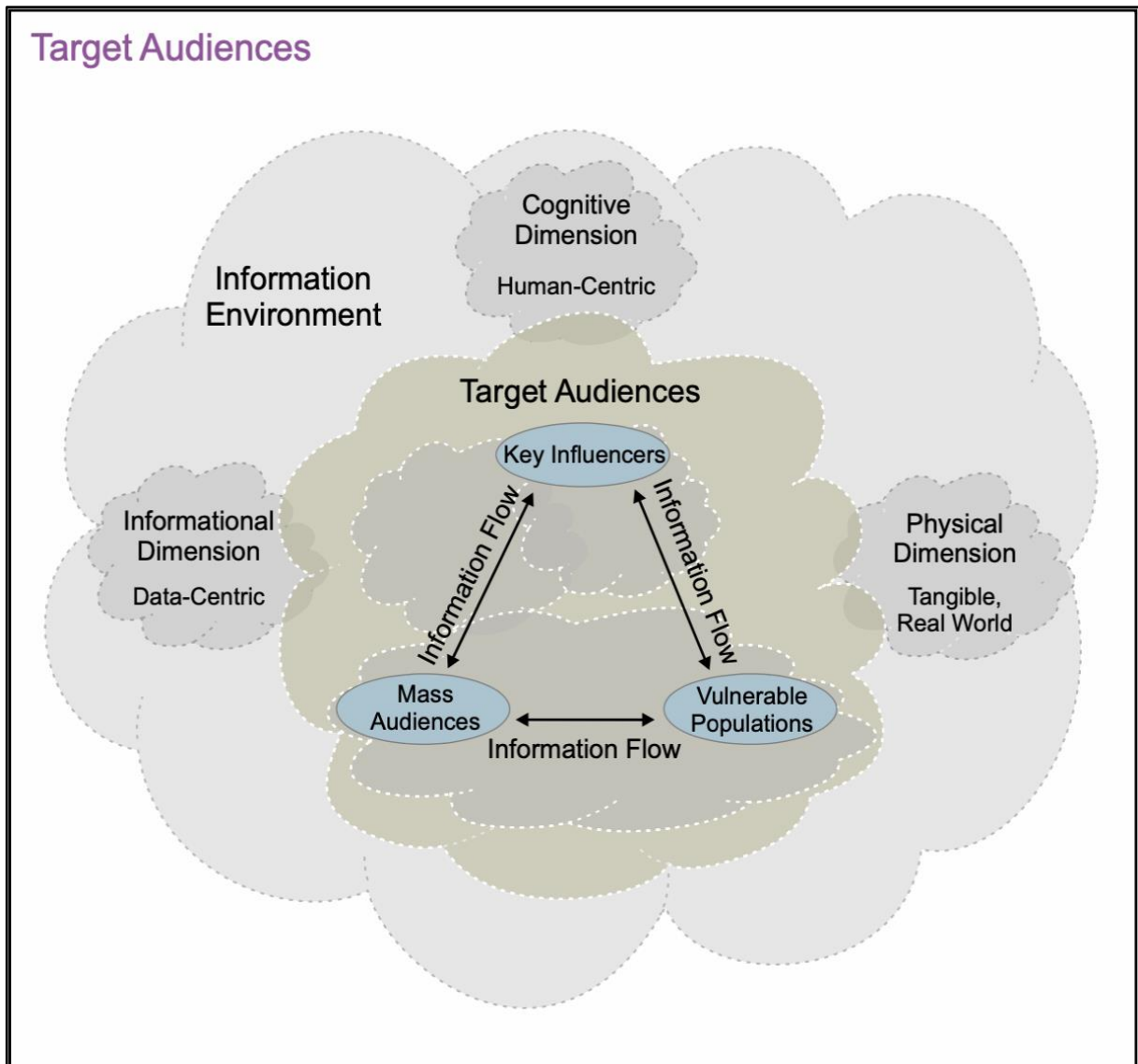


FIGURA 3 - Públicos-Alvo.

Fonte: JP 3-13 *Information Operations*, p.I-4.

Nota: As três dimensões do ambiente informacional: física, informacional e cognitiva fornecem pontos de acesso para influenciar os PA.

ANEXO D

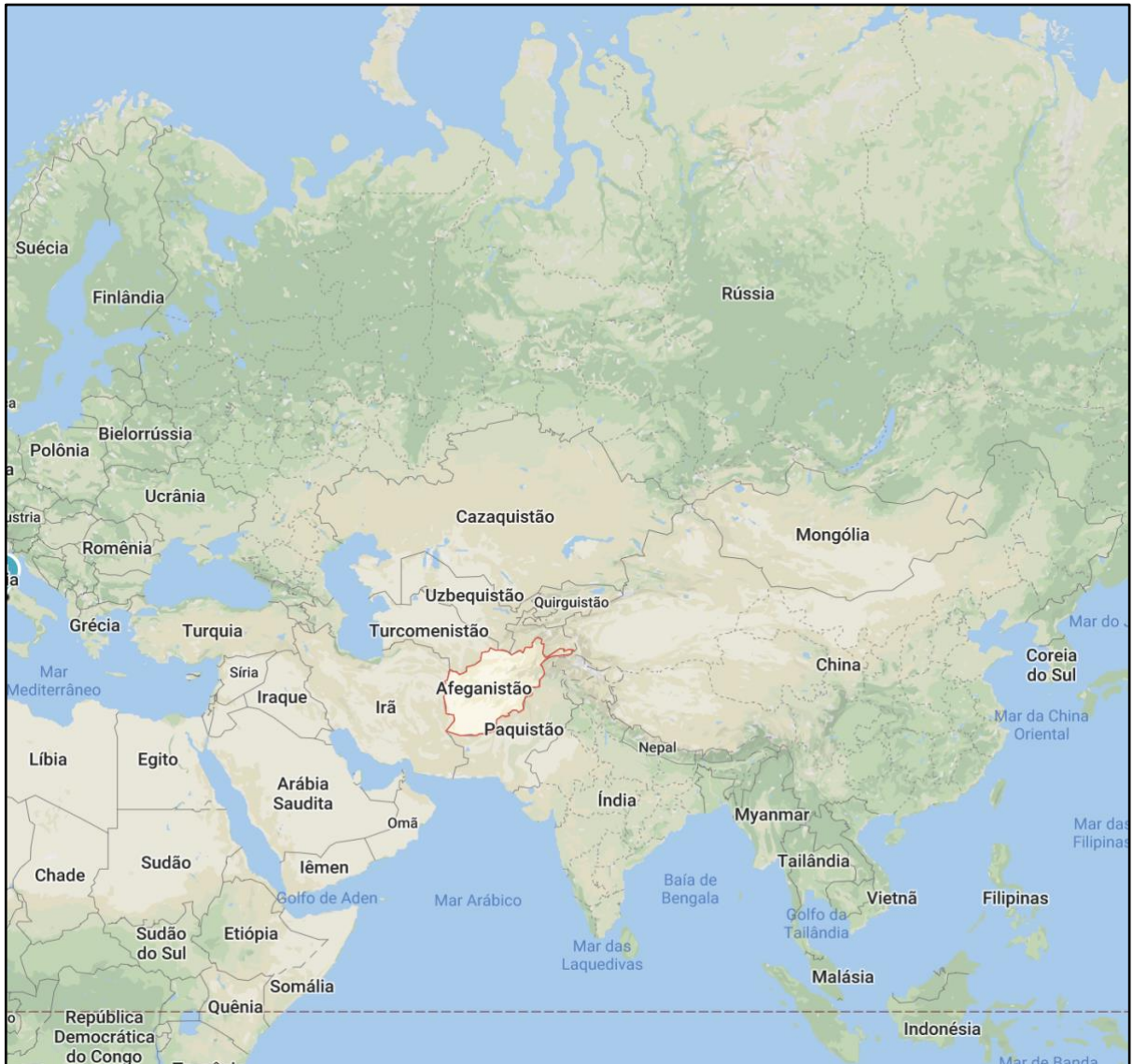


FIGURA 4 - Posição geográfica do Afeganistão.

Fonte: <<https://www.google.com/maps/place/Afeganistão/@35.9870971,72.3211135,3z/data=!4m5!3m4!1s0x38d16eb6f8ff026d:0xf3b5460dbe96da78!8m2!3d33.93911!4d67.709953>>. Acesso em: 15 Jun. 2020.

ANEXO E

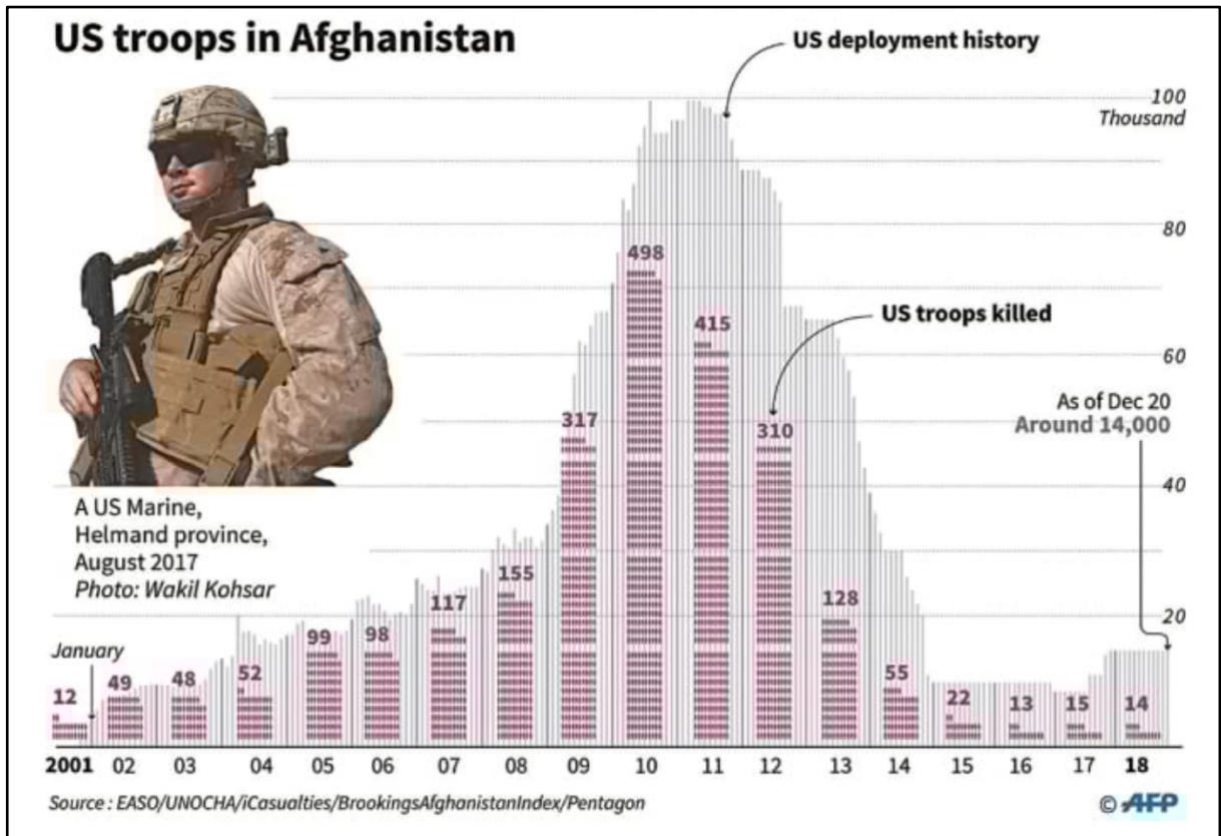


FIGURA 5 - Efetivo de tropas dos EUA no Afeganistão a partir de 2001.

Fonte: <<https://www.dawn.com/news/1502511>>. Acesso em 14 jun. 2020.

ANEXO F



SOURCE: World Trade Center poster AFC035 as presented by Friedman, undated (a).

NOTE: Friedman suggests that the larger text at the top is a date on the Afghan calendar that corresponds to September 11, 2001. He offers a partial translation of the smaller text: "More than 2,800 people were killed, and 3,000 children lost their parents."

RAND MG1060-3.2

FIGURA 6 - Cartaz "Ataques terroristas de 11 de setembro de 2001 aos EUA".

Fonte: RAND, 2012.

ANEXO G



FIGURA 7 - Panfleto "O Talibã e a Al-Qaeda são os alvos".

Fonte: RAND, 2012.

ANEXO H



FIGURA 8 - Lançamento de panfletos por aeronaves.

Fonte: RAND, 2012.

ANEXO I

FIGURA 9 - Transmissão de mensagens de radiodifusão por aeronaves EC-130.

Fonte: FRIEDMAN, 2006.

Nota: O EC-130 Commando Solo foi projetado para conduzir operações de informações, operações psicológicas e assuntos civis nas bandas de comunicações AM, FM, HF, TV e comunicações militares.

Fonte: <<https://www.lockheedmartin.com/en-us/products/c130/ec-130j-commando-solo.html>>. Acesso em: 04 Ago. 2020.

ANEXO J



FIGURA 10 - Panfleto “Coalizão das Nações está aqui para ajudar” (frente e verso)

Fonte: FRIEDMAN, 2006.

Nota: Na frente, um soldado norte-americano cumprimentando um cidadão afegão e o texto “a coligação das nações está aqui para ajudar”. No verso do folheto está escrito “a coligação das nações está aqui para ajudar o povo do Afeganistão”. Foram disseminados cerca de 2.760.000 cópias deste panfleto no primeiro ano de guerra.

ANEXO K



FIGURA 11 - Folheto "A amizade EUA e Afeganistão".

Fonte: RAND, 2012.